



UFSM

MONOGRAFIA

ESTUDO DA GEOGRAFIA DO MUNICÍPIO DE QUARAÍ-RS: RECURSO
DIDÁTICO PARA ALUNOS DA 3ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

Denise Peralta Lemes

Pós-Graduação em Geociências

Santa Maria, RS, Brasil
2005

ESTUDO DA GEOGRAFIA DO MUNICÍPIO DE QUARAÍ-RS: RECURSO
DIDÁTICO PARA ALUNOS DA 3ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

por

Denise Peralta Lemes

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Geociências, Área de
Concentração em Uso e Conservação dos Recursos Naturais do Rio Grande do
Sul, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial
para obtenção do título de Especialista em Geociências.

Santa Maria, RS, Brasil.

2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Monografia.

ESTUDO DA GEOGRAFIA DO MUNICÍPIO DE QUARAÍ-RS: RECURSO
DIDÁTICO PARA ALUNOS DA 3ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

elaborada por
Denise Peralta Lemes

Como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Geociências

COMISSÃO EXAMINADORA

Bernardo Sayão Penna e Souza Orientador
(Presidente/Orientador)

Anderson Luis Ruhoff

Ail Conceição Meireles Ortiz

SANTA MARIA, 6 JANEIRO DE 2005.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao professor Bernardo Sayão Penna e Souza, pelo auxílio que recebi durante essa caminhada.

As inseparáveis colegas que depois de quatro anos de luta na graduação, tivemos a chance de novamente estudarmos juntas: Andréia, Angélica e Mariana.

Agradeço também a minha amiga Luci, pela nossa convivência e amizade.

Minha antiga colega e sempre amiga Elaine, que mesmo muito atarefada sempre arrumou um horário para me auxiliar na elaboração dessa monografia.

Não posso deixar de mencionar a turminha do SUS: Cristiane, Elizângela, Lucas, Dirlá e Maria Dolores (Dodô), obrigada pelo carinho e amizade com que vocês me receberam nessa instituição, jamais serão esquecidos por mim.

Aos meus pais, Nair e David, que mesmo longe sempre me apoiaram durante mais essa fase da minha vida.

Aos meus irmãos, Helder, Helenara, Helenise, Eliane, Cristiane e Eleonora que mesmo de longe me aconselhavam nas horas que mais precisei.

Ao meu cunhado e amigo Leandro, responsável pela parte gráfica do caderno de atividades.

A Secretaria de Educação do Município de Quaraí-RS, aos professores da rede municipal pelo apoio para a confecção do caderno de atividades.

À professora Diva Simões pelos materiais fornecidos.

Enfim, agradeço a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização dessa monografia, o meu muito obrigado.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	vi
LISTA DE ANEXOS	vii
RESUMO	vii
INTRODUÇÃO	
CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA UTILIZADA	4
CAPÍTULO 2 – UM BREVE RELATO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL; O SURGIMENTO E A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DOS LIVROS DIDÁTICOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA.....	5
2.1 <i>O Surgimento do Livro Didático</i>	12
2.2 <i>Importância da Utilização de Livro Didático nas Aulas de Geografia</i>	14
CAPÍTULO 3 - A GEOGRAFIA NO CONTEXTO DO ENSINO	17
CAPÍTULO 4 – O CONCEITO DE PAISAGEM E LUGAR E A GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL	20
4.1 <i>O Desenvolvimento Mental da Criança</i>	20
4.2 <i>Apreensão e Compreensão do Espaço Geográfico</i>	21
4.3 <i>A Geografia no Ensino Fundamental</i>	22
4.4 <i>O Conceito de Paisagem</i>	24
4.5 <i>O Conceito de Lugar</i>	25
4.6 <i>Conhecendo o Lugar Onde Moramos.</i>	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
BIBLIOGRAFIAS E DOCUMENTOS CONSULTADOS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Localização do Município de Quaraí - RS, no Estado do Rio Grande do Sul	03
FIGURA 02 – Município de Quaraí Dividido em Distrito e Subdistrito e Rede Hidrográfica	04
FIGURA 03 - Hidrografia do Município de Quaraí- RS	06
FIGURA 04 Localização do Município de Quaraí no Planalto da Campanha	09
FIGURA 05 – Setorização do Planalto de Uruguaiana	10
FIGURA 06 – Formas de Relevo na área degradacional oriental do Município de Quaraí, RS	11
FIGURA 07 – Vista frontal do Cerro do Jarau	12
FIGURA 08 - Mapa da Compartimentação Geomorfológica do Município de Quaraí – RS	14
FIGURA 09 – Areais de Quaraí - RS.....	16
FIGURA 10 – Areais de Quaraí – RS, no modelado de coxilhas	17
FIGURA 11 – Cerro do Jarau	19
FIGURA 12 - Vista do Cerro do Jarau	19
FIGURA 13 – Ruínas do Saladeiro	21
FIGURA 14 – Entrada das Ruínas do Saladeiro	21
FIGURA 15 - Ruínas do Saladeiro	21
FIGURA 16 – Antiga Pranchada	22
FIGURA 17 – Vista Aérea da Ponte Internacional da Concórdia.....	23
FIGURA 18 – Ponte Internacional da Concórdia	23
FIGURA 19 – Praça General Osório	24
FIGURA 20 – Antigo Coreto na Praça General Osório	24
FIGURA 21 – Vista do Butiazal	26
FIGURA 22 – Butiazal	26

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 01 – Conteúdo Programático da 3ª Série do Ensino Fundamental,
Fornecido Pela Secretaria da Educação do Município de Quaraí-RS39

ANEXO 02 - “QUARAÍ MINHA TERRINHA QUERIDA” para professores.....40

ANEXO 03 - “QUARAÍ MINHA TERRINHA QUERIDA” para alunos40

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Especialização em Geociências
Uso e Recursos Naturais do Rio Grande do Sul
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil.

**ESTUDO DA GEOGRAFIA DO MUNICÍPIO DE QUARAÍ-RS: RECURSO
DIDÁTICO PARA ALUNOS DA 3ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL**

AUTORA: DENISE PERALTA LEMES

ORIENTADOR: BERNARDO SAYÃO PENNA E SOUZA

Data e Local da defesa: Santa Maria, 6 Janeiro de 2005. Sala 1121 CCNE

RESUMO

Este trabalho enfoca o estudo da Geografia do Município de Quaraí, RS, com a elaboração de material didático para alunos e professores da rede municipal de ensino. No estudo realizado buscou-se um breve relato da Educação no Brasil; a Geografia no Contexto do Ensino; o Conceito de Paisagem e Lugar; e por fim o Estudo da Geografia do Município de Quaraí, RS. A importância do estudo do município partindo da realidade onde o aluno está inserido, foi comprovado através das bibliografias consultadas, na qual os alunos têm a possibilidade de acompanhar as transformações ocorridas no espaço a partir de sua própria realidade. Através da pesquisa pode-se observar que é importante e necessária a confecção desse material, pois os utilizados pelas crianças do município não eram adequados.

INTRODUÇÃO

A ciência geográfica estuda a transformação do espaço, a partir da forma como se organiza a sociedade e das condições do meio físico-natural, partindo da observação do lugar da vivência do aluno e progressivamente contribuindo para a construção de uma noção espacial mais abrangente e complexa (Callai & Zarth, 1999).

Estudar o município é importante para o aluno, na medida em que ele está desenvolvendo o processo de conhecimento e de crítica da realidade em que está vivendo. O estudo da geografia do município serve como instrumento de uma base necessária ao aluno, onde ele organiza e constrói uma base referencial para suas aprendizagens futuras.

É significativo estudar regiões, cidades, municípios, porém, deve-se considerar a nova lógica, dada pelo intenso processo de globalização que acontece no mundo hoje. O município é um lugar, que pertence à Unidade da Federação, não está isolado do mundo. As relações entre as pessoas que habitam, este determinado lugar têm de ser vistas com a perspectiva das forças internas e externas que ali atuam e interferem. Cada fenômeno que acontece em cada lugar está articulado a complexas relações que acontecem em outros lugares (Callai, 1998. pág. 68)

Devido às transformações ocorridas no mundo, através das perspectivas atuais ressalta-se a importância e a necessidade de se estudar o lugar onde vivemos, com isso o trabalho de monografia tem como objetivo geral, realizar o estudo geográfico do município de Quaraí –RS; e específicos, um breve relato da Educação no Brasil; a Geografia no Contexto do Ensino; o Conceito de Paisagem e Lugar; e por fim o Estudo da Geografia do Município de Quaraí, indo ao encontro com a elaboração de material didático para os professores e alunos, contendo o estudo da geografia do município.

A preocupação da maioria dos professores é formar cidadãos e para que isso ocorra, deve-se dar oportunidade ao aluno, oferecendo instrumentos para que ele possa entender e compreender a realidade onde vive. A inexistência de material didático específico de geografia voltado a alunos que cursam a 3ª série do ensino fundamental, é indispensável para sua aprendizagem. Muitos alunos não conseguem ter uma visão geográfica do seu município, devido aos problemas que os professores enfrentam diante a falta

de material bibliográfico e cartográfico adequado para o ensino da geografia na 3ª série do ensino fundamental. O material didático que as escolas têm acesso refere-se à geografia do estado, deixando de lado certas particularidades do local, que certamente enriqueceriam a qualidade do ensino.

O estudo do município nas séries iniciais é importante para o aluno conseguir entender e conhecer o local onde mora. Através do conhecimento do seu próprio espaço ele terá mais condições de compreender o mundo (Callai, 1998. pág 132).

O estudo da paisagem do município permite ao aluno compreender o mundo em que vive, construindo os conceitos necessários tanto para aprendizagens futuras como para a vida.

A proposta do estudo da geografia do município visa à ampliação da capacidade do aluno do ensino fundamental, de observar, conhecer, explicar, comparar e representar as características do lugar em que vive.

Esse trabalho de monografia está dividido em cinco capítulos:

O CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA

O CAPÍTULO 2 – *UM BREVE RELATO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL*, buscou-se a trajetória da educação no Brasil desde nossa colonização até os dias atuais.

O CAPÍTULO 3 – *A GEOGRAFIA NO CONTEXTO DO ENSINO*, relata a trajetória da ciência geográfica, desde sua institucionalização até o momento que ela vive hoje.

O CAPÍTULO 4 - *O CONCEITO DE PAISAGEM E LUGAR*.

O CAPÍTULO 5 – *O ESTUDO DA GEOGRAFIA DO MUNICÍPIO DE QUARAÍ-RS*, caracteriza-se a geografia físico-naturais do município.

Para finalizar fez-se uma análise da importância do estudo do município para comunidade local, mais precisamente para professores e alunos da 3ª série do ensino fundamental.

No anexo 1, CONTEÚDO PROGRAMÁTICO DE GEOGRAFIA DA 3ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL, fornecido pela Secretaria da Educação do Município, o qual foi utilizado para fazer o estudo da geografia do município.

No anexo 2, QUARAÍ MINHA TERRINHA QUERIDA, está o material elaborado para os professores da rede municipal de ensino.

No anexo 3, QUARAI MINHA TERRINHA QUERIDA, está o caderno de atividades elaborado para ser utilizado pelas crianças da 3ª série do ensino fundamental e também para toda a comunidade que quiserem apreciar esse trabalho.

CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA

Para a elaboração da monografia foram buscadas bibliografias que dessem sustentabilidade a pesquisa, utilizando-se da geografia tradicional como perspectivas teórica.

Após foi-se ao encontro da Secretaria da Educação, na qual foram fornecidos os conteúdos programáticos da 3ª série do ensino fundamental e a relação das escolas municipais da cidade.

Com o material em mãos teve-se o primeiro contato com os professores do ensino fundamental da rede municipal, no qual procurou-se saber quais eram as reais dificuldades que enfrentavam para ministrar suas aulas de geografia.

Através dos relatos dos mesmos pode-se constatar que a grande dificuldade encontrada era a falta de material adequado para a faixa etária pelo qual eles trabalhavam. Com a constatação, buscaram-se bibliografias relacionadas com a educação e a própria geografia do município.

O material encontrado sobre a geografia, referia-se quase sempre ao Estado, deixando de lado certas particularidades do município que são importantes para o aprendizado dos alunos.

Foi compilado o mapa do Estado do Rio Grande do Sul, na escala 1:250.000, localizando o Município, pois o fornecido pela secretaria estava inadequado.

Após foram feitas as saídas de campo para a realização do estudo geográfico do município, na qual fez-se a documentação através de fotografias e anotações.

Com os dados já levantados, foi redigida a monografia e posteriormente foi elaborado o material didático para professores e alunos que se encontra em anexo.

CAPÍTULO 2 - UM BREVE RELATO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL; O SURGIMENTO E A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DOS LIVROS DIDÁTICOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA

O que vem a ser a educação?

Libâneo diz que educação:

“... corresponde, pois, a toda modalidade de influências e inter-relações que convergem para a formação de traços de personalidades sociais e do caráter, implicando uma concepção de mundo, ideais valores, modos de agir, que se traduzem em convicções ideológicas, morais, políticas, princípios de ação frente a situações reais e desafios da vida prática” (1994, p. 22-23),

e “... o ensino é o principal meio e fator da educação (...) e, por isso, destaca-se como campo principal da instrução e educação” (Libâneo, 1994,p.23).

Para Luckesi (1994, p.30)., a educação “... é um típico ‘que fazer’ humano, ou seja, um tipo de atividade que se caracteriza fundamentalmente por uma preocupação, por uma finalidade a ser atingida”

Quando nos referimos a ensino, estamos nos remetendo a um conjunto de meios pelo qual se constrói a formação intelectual da pessoa a partir de conhecimentos sistematizados. Esta formação intelectual acaba por colaborar com o processo de educação da pessoa, do educando (Libâneo, 1994). Mas, cabe salientar que, conforme Luckesi (1994, p. 30-31), a “educação dentro de uma sociedade não se manifesta como um fim em si mesma, mas sim com um instrumento de manutenção ou transformação social” .

No decorrer da história brasileira, muitas reformas ocorreram no sistema educacional, colocando-o como um conjunto de conhecimentos, práticas, hábitos e tradições que sempre estiveram condicionados aos processos econômicos, social e cultural da sociedade e em determinados períodos (Santos, 2002).

A educação sendo o principal instrumento de transformação social constitui-se num elemento capaz de gerar uma melhor qualidade de vida aos indivíduos que possam usufruí-la e, desse modo, fica evidenciado que a educação não deve ser entendida apenas como uma reprodutora de idéias,

mas sim, como uma formadora do saber infinito que contempla vários setores do conhecimento humano, exercendo preponderante papel como representante do crescimento cultural e intelectual da população (Santos, 2002).

O Brasil, por estar inserido no processo de globalização, onde valores sócio-culturais são impostos, difundindo regras e conceitos para o povo, torna-se necessário introduzir um sistema educacional que valorize a ação humanista e a consciência crítica de cada cidadão, para que, dessa forma, o mesmo possa assumir suas próprias responsabilidades como membro constituinte de uma sociedade. Diante das colaborações da sociedade brasileira e da necessidade de um ensino diferenciado, salienta-se que, hoje, mesmo com várias deficiências que, a educação apresenta-se como fator fundamental e insubstituível para o desenvolvimento e ampliação do sistema democrático, pois é através da escola e dos conteúdos nela trabalhados que se obterá subsídios para a interpretação dos fatores políticos e econômicos.

A educação brasileira caracterizou-se pela divisão em quatro ciclos:

O primeiro, (período colonial) iniciado com a chegada dos portugueses no Brasil, terra habitada por um povo tido como selvagem que apresentava hábitos diferentes dos portugueses, a educação chamada na época de Educação Cristã ou Educação Brasil-Colônia (Tobias, 1981).

Essa educação tinha como “professores” os jesuítas, que no ano de 1549 deram início à persuasão dos índios através da catequização, que através desses atos juravam fidelidade à Metrópole e à Igreja Católica. Na verdade os jesuítas queriam a utilização da mão-de-obra a serviço dos interesses mercantilistas, esse processo de catequização caracterizou-se pela imposição de atos de crueldade e pela dizimação da cultura indígena, assim como na aculturação do mesmo (Tobias, 1981).

A Igreja católica tinha a incumbência de ensinar a escrita, a leitura e o cálculo, conteúdos que davam base para a compreensão religiosa civilizando-os para que assim fossem utilizados no trabalho braçal, a serviço da metrópole. Devido ao aumento da população colonial e à introdução da raça negra, os jesuítas deixaram de se preocupar com a catequese dos índios dando lugar à mão-de-obra escrava dos negros, dando assim início a novas instituições de ensino (seminários) (Xavier, 1994).

Os seminários tinham como pretexto atender os filhos da aristocracia que buscassem por uma carreira religiosa ou uma vaga nas faculdades do exterior. Conforme Xavier (1994,p.48), a ação dos jesuítas no Brasil deu-se através dos seminários, os quais, a educação era um modelo europeu, onde o plano de ensino jesuítico reinou absoluto por muito tempo mesmo após a expulsão dos jesuítas em 1759.

Em 1759, a Reforma Pombalina, liderada por Marques de Pombal, atinge Portugal e suas colônias, marcando a expulsão dos jesuítas das terras brasileiras e o desmantelamento do sistema educacional. Conseqüentemente tem-se uma profunda desestruturação do ensino e da sociedade, tornando precárias a oferta de escolas e professores para as classes menos favorecidas (Tobias, 1981).

Dom João VI chega ao Brasil com uma visão estadista. Era a favor da formação de escolas para suprir as necessidades da aristocracia da nação. Composta por poucos brasileiros que não tinham condições de prosseguir seus estudos na Europa, assim a educação foi se elitizando, surgindo assim as primeiras universidades no Brasil.

A expulsão dos jesuítas marcou uma importante etapa educacional e o início de um longo período sem que nenhuma providência fosse tomada a favor da instrução do povo (Rodrigues, 1982).

Já no segundo ciclo, no período Imperial, tanto Portugal e Espanha impõem uma política educacional baseada no modelo Europeu, que nada tinha a ver com a realidade até vivida.

Segundo Tobias (1981), no período Imperial verificou-se um intenso descaso com a educação popular e uma disfarçável preocupação com o ensino da elite, pois, as escolas deveriam ensinar somente a leitura, a escrita, as quatro operações, noções básicas de gramática e a doutrina católica.

No terceiro ciclo da educação, período Republicano, verificou-se profundas modificações econômicas, sociais e um intenso processo migratório no interior das províncias, quando grande parcela de trabalhadores deslocou-se das zonas rurais para as áreas urbanas ocasionando sérias preocupações à elite nacional. Resultado desse processo, as cidades ficaram com um contingente populacional muito grande, o comercio não conseguia suprir a

demanda do aumento da mão-de-obra disponível, foram criadas as escolas de qualificação de mão-de-obra (Romanelli, 1988)

Passado os períodos Colonial, Imperial e Republicano teve-se a construção de uma nova sociedade onde a atividade industrial passou a ser fator determinante para a organização de outras formas de produção, tornando-se necessário um maior número de pessoas nas escolas. A produção do conhecimento foi sendo cada vez mais exigida, condenando as pessoas que não deram conta de acompanhar este processo (Tobias, 1981).

A atividade industrial, como produto dos interesses capitalistas provocou o surgimento de novas classes sociais constituídas pela burguesia industrial e pelo operariado urbano que, apesar de frágil, deu início à luta por cultura e educação através de sindicatos e comitês. Através deste, que se deu à criação do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, este é um documento que aborda vários tipos de ensinos, colocando a educação como um sério problema nacional propondo também uma sociedade homogênea e democrática com oportunidades para todos os cidadãos (Lourenço Filho, 1978 p.162)

Os sistemas educacionais enfrentaram e enfrentam sérios problemas e a tentativa de suprir suas necessidades resultou em uma educação de baixa qualidade, onde a repetência e a evasão escolar são notórias. (Rodrigues 1982 p.51).

No governo de João Goulart foi criado o Plano Nacional de Educação, extinto em 1964 pelo golpe militar. No seu lugar foi criada a Cruzada de Ação Básica Cristã, aos moldes político-econômico predominante. O ensino era direcionado à formação de uma população destinada a acatar exigências da burguesia em ascensão (Romanelli, 1988 p.228). Na década de 1970, os índices de crescimento da economia eram satisfatórios, mas isso não resultou em melhorias nas condições de vida da população e sim, a intensidades da exclusão social.

A década de 1980 se caracterizou pela estagnação da economia, pela dívida social e por uma lenta abertura política. Quanto à educação, observou-se nesse período uma intensa reorganização do ensino. A reestruturação nessa década tinha por objetivo suprir as deficiências do ensino através da criação de um grande número de estabelecimentos de ensino públicos (Rodrigues, 1982 p. 155).

A educação naquele período passou a ser vista como uma alternativa para a realização da justiça social, no entanto a educação pública continuou com deficiências, pois os recursos que estavam destinados ao melhoramento da educação foram repassados às escolas particulares. A educação pública não ocupou destaque na política do governo, pois, grande parte da população não conseguia chegar à escola, demonstrando o privilégio a alguns grupos sociais e de exclusão de muitos outros (Tobias, 1981).

Em 1986, o Fórum Nacional de Educação foi formado, as escolas iriam desempenhar funções de acordo com a realidade da população.

Em 1988, com a nova constituinte, importantes mudanças em benefício da população passaram a vigorar. No mesmo ano, entra no congresso a proposta da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) ((Xavier, 1994).

Na década de 1990, o projeto Brasil Novo do Presidente da época, Fernando Collor, formula vários planos para a área educacional onde projetos como o programa Nacional de Alfabetização e Cidadania, Plano Setorial de Ação, entre outros. No entanto esses programas tiveram dificuldades devido à falta de recursos e desinteresse do governo. Em 1992, devido a denúncias, o projeto Brasil Novo chega ao fim com a renúncia de Collor, o país sofre um quadro de inquietação social e crise econômica.

Em 1996, é aprovada no congresso a nova LDB, lei federal 9.394/96, ampliando para o poder político o dever para com a educação, priorizado o ensino fundamental. A nova LDB apresenta deveres e direitos do cidadão e do Estado na área educacional, promovendo principalmente o direito de educação no ensino fundamental, médio e superior (Yus, 1998).

Com essa perspectiva, o governo federal assume o compromisso internacional, através da Declaração de Nova Delli, na Conferência Mundial de Educação para Todos, (1993 – 2003), e para a implantação desse acordo, emergem os Parâmetros Curriculares Nacional (PCN's) (Porto, 2003). Os PCN's, apóiam-se em normas legais e procuram contribuir na busca de respostas a problemas identificados no ensino fundamental, objetivando uma transformação desse ensino que atenda às demandas da sociedade brasileira atual (PCN's, 1988 pág 49).

Quanto sofrimento e desorientação foram causados por erros e ilusões ao longo da história humana, e de maneira aterradora, no século XX! Por isso, o

problema cognitivo é de importância antropológica, política, social e histórica. Para que haja um progresso de base no século XXI, os homens e as mulheres não podem mais ser brinquedos inconscientes não só de suas idéias, mas das próprias mentiras. O dever principal da educação é de armar cada um para o combate vital para a lucidez (Morin, 2000 A, pág 33).

O problema que confronta a educação do futuro é cada vez mais amplo, profundo e grave, de um lado, os saberes desunidos, divididos, compartimentados e, de outro, as realidades ou problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários (Morin 2000 A, 36 pág).

Como disse o geógrafo Jacque Levy apud (Morin 2000 A, pág 64), “o surgimento de um objeto novo, o mundo como tal”. Porém, quanto mais somos envolvidos por esse mundo, mais difícil é para nós apreendê-lo. Na era das telecomunicações, da informação, da Internet, estamos submersos na complexidade do mundo, as incontáveis informações sobre o mundo sufocam nossas possibilidades de inteligibilidade.

Em vez de corrigir esse objeto novo, nosso sistema de ensino obedece a ele. Na escola primária nos ensinam a isolar os objetos (de seu meio ambiente), a separar as disciplinas (em vez de reconhecer suas correlações), a dissociar os problemas, em vez de reunir e integrar. Obrigam-nos a reduzir o complexo ao simples, isto é, a separar o que está ligado; a decompor, e não a recompor; e a eliminar tudo que causa desordens ou contradições em nosso entendimento (Morin, 2000 B, pág 20) . Nessas condições, as mentes jovens perdem suas aptidões naturais para contextualizar os saberes e integrá-los em seus conjuntos.

Por isso, cabe ao professor ensinar seus alunos aprender. Aprender a aprender significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar; é o que se aprende nas culturas singulares. Precisamos aprender a ser, viver, dividir e comunicar como humanos do planeta Terra.

Com todo esse processo de mudanças globais, devemos pensar na primeira finalidade do ensino formulada por Montaigne apud Morin (2000 B, pág 20). .. “mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia”, na qual a cabeça bem feita é uma cabeça apta a organizar os conhecimentos e, com isso, evitar sua acumulação estéril.

2.1 O SURGIMENTO DO LIVRO DIDÁTICO

Os livros didáticos surgem como material impresso destinado ao processo de aprendizagem ou formação, no mundo, já no século XVII (Schaffer, 1999, pág 133). Mas o volume de obras só aumenta a partir da metade do século XIX, conforme Oliveira (1984). Este fato estaria vinculado ao maior número de conhecimentos, à divisão e sistematização das ciências, à crescente discussão sobre técnicas de ensino e teorias de aprendizagem, mas, sobretudo à necessidade que se impunham à expansão capitalista de preparo dos recursos humanos através de treinamentos técnicos, militar e industrial.

No Brasil, até o século XIX, os livros vinham de Portugal. A escassez de material fazia com que o País e seus professores usassem cartas (cartinhas, cartilhas) como material básico de leitura. Após 1808, com a vinda da família real e a proliferação de escolas, houve impulsos para a produção de literatura didática, mas predominou a importação de material estrangeiro, sobretudo francês, pela inexistência e/ ou precariedade da indústria gráfica nacional e pelo custo dos livros aqui produzidos (Schaffer, 1999).

Os anos que seguiram a 1920, com o movimento modernista e nacionalista que abrigou, tiveram papel decisivo no surgimento de uma política para o livro didático no país, que se concretizou no Estado Novo. Para Gustavo Capanema, ministro da educação na época, a educação não é neutra, mas precisa ser conduzida pelas diretrizes do sistema que representa as bases da nação. Por isso, a educação deve estar sob a proteção, o controle e a defesa do Estado (Schaffer, 1999, pág 135).

Em 1937, foi criado o Instituto Nacional do Livro (INL), órgão subordinado ao Ministério de Educação. Em 1938, o Decreto Lei 1006/38 definiu o livro didático como "... compêndios que exponham total ou parcial a matéria das disciplinas constantes dos programas escolares" e criou a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) para examinar e julgar os livros didáticos (Schaffer, 1999, pág 135).

A CNLD manteve-se orientando a política do livro didático, as críticas dirigidas por parlamentares, desde a década de 1950, centravam-se na questão do preço do livro, e, para Oliveira (1984), "a inexistência de

continuidade e de propostas conseqüentes para estas críticas indicam o descompromisso com a defesa de um projeto politicamente significativo”.

A partir de 1964, o programa MEC (1964/69), de fortes reflexões sobre a educação nacional e constituído por uma série de acordos, resultou na criação da Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (COLTED) e gerou denúncias de controle americano sobre o mercado livreiro e de controle ideológico sobre o processo educacional.

Em 1985, foi instituído o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) pelo decreto 91.542/85. O programa tem recursos do salário-educação, visa universalizar atendimento aos alunos de escolas públicas e estabelecer a análise, seleção e indicação do livro didático, com participação dos professores do ensino fundamental (Oliveira, 1984).

No início dos anos 1990, o MEC decidiu debater mais diretamente a qualidade do livro didático. Em 1993, uma comissão é encarregada de avaliar a qualidade dos livros mais solicitados ao Ministério e estabelecer critérios gerais para a avaliação das novas aquisições.

Hoje existe o Guia de Livro Didático, documento com periodicidade trienal, apresentado aos professores, com um conjunto de resenhas que evidenciam os possíveis problemas e as qualidades de livros didáticos inscritos no PNLD, sendo classificados em três categorias (uma, duas e três estrelas) (Schaffer, 1999, Porto, 2003).

Ainda nos dias de hoje o livro didático mantém-se como o recurso mais presente em sala de aula, quando não a própria aula, a voz principal no ensino. Admitido como a informação científica e segura, o livro didático transformou-se, para muitos professores, na principal fonte de atualização e consulta.

2.2 IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DE LIVRO DIDÁTICO NAS AULAS DE GEOGRAFIA

O recurso didático é uma necessidade daquilo que está sendo estudado por meio de palavras, a fim de torná-lo concreto e intuitivo, tem um papel destacado no ensino de todas as disciplinas, faz uso basicamente de quadro-negro, giz e apagador são elementos em qualquer sala de aula. Nenhuma aula deveria dispensar, também, o concurso de retratos, mapas, gravuras, gráficos,

livros, noticiários de jornal, revistas, aparelhos de projeção, gravadores entre outros.

O recurso didático, para ser realmente eficiente no ensino deve: ser adequado ao assunto; ser de fácil apreensão e manejo; estar em perfeito estado de funcionamento, em se tratando de aparelhos eletrônicos.

Cada atividade, com seus recursos próprios possui objetivo específico, e deve ser orientada para a construção do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades que modificam positivamente a conduta do aluno frente à realidade. Entre os elementos auxiliares, que propiciam tais atividades, está o livro didático, se bem pensado pelo professor, quando de sua adoção (Castrogiovanni & Goulart, 1999).

O ponto fundamental é que o livro didático deve atender aos objetivos estabelecidos pelo professor em seu plano de trabalho e, conseqüentemente, às características do grupo de aluno ao qual se destina.

Segundo (Castrogiovanni & Goulart, 1999).

um bom livro didático é aquele que propicie uma visão da geografia segundo perspectivas críticas, levando-se em consideração a fidelidade das afirmações; o estímulo à criatividade; uma correta representação cartográfica; uma abordagem que valoriza a realidade; que enfoque o espaço como uma totalidade. Pág. 130;131

A qualidade do processo de ensino e de aprendizagem depende muito mais do desempenho do professor do que da qualidade do livro didático (Schaffer, 1999), e é passo fundamental à melhoria do ensino, a qualificação e valorização do professor.

O livro didático mantém-se, como o recurso instrumental mais utilizado em sala de aula, quando não o único recurso. O professor, de posse de um livro de poucos recursos, pode conseguir uma adequada exploração do mesmo, enquanto um bom livro didático não garante, sozinho, o sucesso do processo de aprendizagem (Schaffer, 1999, pág 143).

É importante que o professor consiga efetivar uma boa relação entre o aluno e o livro didático. Mais do que usar o livro didático é indispensável o estabelecimento de vínculos significativos entre o leitor (aluno) e o livro, uma

disposição para a leitura que permita encaminhar para a autonomia na busca de informações (Schaffer, 1999).

O livro didático frente às atuais condições de trabalho do professor de geografia, torna-se cada vez, mais um instrumento, senão indispensável, pelo menos necessários como complemento às atividades didático-pedagógicas, devendo ser utilizado apenas como um dos recursos entre tantos disponíveis (Castrogiovanni & Goulart, 1999).

O professor de Geografia, egresso dessa licenciatura, não formará aprendizes de Geografia, mas formará homens que farão, ao longo da sua vida, uso diário de conhecimentos geográficos e que têm sua relação inicial com este conhecimento mediado por um livro didático (Schaffer, 1999, pág 145).

O caso é que não há livro que seja à prova de professor: o pior livro pode ficar na sala de um bom professor e o melhor livro desanda na sala de um mau professor. Pois o melhor livro repita-se mais uma vez, é apenas um livro, instrumento auxiliar de aprendizagem (Lajolo, 1996. p.8).

Cabe ainda salientar que um livro didático perfeito, em que todos os aspectos estejam de acordo com as maiores exigências, não existe (Castrogiovanni & Goulart, 1999. pág 131).

Nesse sentido, ressalta-se a importância do uso de livros didáticos nas aulas de Geografia, juntamente com material didático para auxílio dos professores de Geografia do Município de Quaraí,RS, por ser escrita numa linguagem voltada à crianças de 3ª série facilita assim o ensino geográfico para os alunos dessa série.

O professor deve ir além do material didático, procurar outros recursos e materiais disponíveis no município para ser utilizado juntamente com a material elaborado, pois o livro, é apenas um livro, instrumento auxiliar de aprendizagem (Lajolo, 1996. p.8).

CAPÍTULO 3 - A GEOGRAFIA NO CONTEXTO DO ENSINO

A Geografia enquanto ciência foi institucionalizada a partir do século XIX com os trabalhos dos alemães Alexandre Von Humboldt e Karl Ritter (Andrade 1992).

Segundo Andrade (1992, p. 54) o conhecimento do mundo e o aprofundamento das relações entre a sociedade e a natureza eram, pois de grande importância para os grupos dominantes que aspiravam à união nacional, à unificação política, em um primeiro estágio, e à disputa pelo domínio do mundo extra-europeu, com os grandes impérios em consolidação, britânico, francês, russo e norte-americano, em um segundo estágio.

A institucionalização da Geografia ocorreu mediante os postulados da filosofia positivista de Comte. Segundo Chauí (1999 p.272), é umas das correntes mais poderosas e influentes do século XX (...) A sociologia positivista (...) estuda a sociedade como fato, afirmando que o fato social deve ser tratado como uma coisa, à qual são aplicados os procedimentos de análise e síntese criados pelas ciências naturais.

Sobre égide do positivismo, a ciência dividiu-se em vários ramos. O ensino da Geografia, enquanto meio de realização de uma instrução geográfica no século XIX, época que o conhecimento dessa ciência já estava sistematizada, passando a cumprir um papel social que procurava legitimar a ação neocolonialista do Estado-Nação. O papel desempenhado, no ensino secundário na França, foi a principal razão a instruir esse conhecimento no final do século XIX. Esse ensino era, em grande parte de cunho político-militar e pretendia auxiliar na construção da idéia de pátria e convencer a sociedade que a Geografia era um conhecimento neutro, o que criava a idéia de um ensino sem importância para a sociedade em geral (Rodrigues, 2000 pág.138)

Segundo Lacoste, apud Rodrigues (2000 p.138), de todas as disciplinas ensinadas na escola, no secundário, a Geografia, ainda hoje, é a única a aparecer, por excelência, como um saber sem a menor aplicação prática fora do sistema de ensino. No início do século XX, a Geografia tornou-se um saber universitário, e aparentemente, perdeu seu caráter político, e chegou a ser questionada pelos próprios estudantes de nível superior.

O papel da Geografia na sociedade é deflagrado, enquanto os alunos das escolas elementares possuíam contato com uma Geografia descritiva, que produzia inventários dos aspectos físicos da superfície terrestre. Paralelamente existia uma Geografia dos oficiais, negligenciava a função e importância dessa ciência e usava esses conhecimentos para fins militares, elaborando estratégias de combates (Andrade, 1992).

Segundo Lacoste (1988 p.256), é preciso fazer com que aqueles que ensinam a Geografia hoje tomem consciência de que o saber-pensar o espaço pode ser uma ferramenta para cada cidadão, não somente um meio de compreender melhor o mundo e seus conflitos, mas também a situação local na qual se encontra cada um de nós.

No Brasil, tanto o ensino quanto a pesquisa na área de Geografia se institucionalizaram a partir da Revolução de Trinta, período no qual "... a burguesia e a classe média urbana passaram a ter maior influência sobre o governo e a atenuar o poder da burguesia agrário-exportadora" (Andrade, 1992, p. 81). Nesse período a Geografia brasileira foi em grande parte influenciada pela Escola Francesa, tanto na pesquisa como no ensino. A Geografia no antigo ginásio nada mais era do que a dos livros didáticos. Geralmente eles expressavam o que havia sido a Geografia até meados do século XIX na Europa: enumeração de nomes de rios, serras, montanhas, capitais, cidades principais, totais demográficos de países, de cidades etc (Pontuschka 1999, p . 114).

Nessa época até os dias atuais, segundo a autora, a situação do ensino de Geografia não se modificou muito. Se essa crítica pode ser feita para o ensino da geografia na primeira metade do século XX, ainda não podemos dizer que os métodos de ensino mais renovadores e democráticos hoje estão aplicados nas escolas do país". (Pontuschka, 1999, p.113) .

A Geografia escolar está em crise e essa está relacionada com a sua função ideológica no final do século XIX, pode-se dizer que a crise da Geografia na escola se resume essencialmente na crise de sua finalidade. Ensino com função ideológica, sua eficácia se vê contestada por discursos mais modernos (economia, sociologia, etc...) marginalizada no momento da adaptação da escola às necessidades profissionais, a geografia

está minada por sua aparente incapacidade de dar conta das lutas onde o espaço está em jogo (Brabant, 1989, p.22).

A tendência educacional na qual a educação possui a função de reproduzir a ordem estabelecida pelo e para o capital. Nesta tendência, "... a escola alcançou o foro de principal instrumento para a reprodução qualitativa da força de trabalho de que necessitava a sociedade capitalista" (Luckesi, 1994. p. 44). Assim como a Geografia é uma disciplina que desde as suas origens, na França e Alemanha do século XIX, é questionada acerca de sua utilidade e funcionamento na vida prática, ela passa a ser eliminada do sistema de ensino em vários países. Isto se verifica atualmente no Brasil quando observamos a diminuição da sua carga horária, quando não de sua eliminação da grade curricular de algumas escolas, do ensino médio (Rodrigues, 2000).

De acordo com cada período histórico pelos quais a Geografia passou, eram defendidos valores determinados. Cabe-nos explicitar à sociedade que o aspecto de inutilidade que paira sobre a Geografia é, de fato, apenas aparente (Rodrigues, 2000), e que a Geografia ainda serve tanto para fazer a guerra como também pra transformar a sociedade na qual esta inserida, levando em conta a prática pedagógica docente e de seu compromisso político-pedagógico.

CAPÍTULO 4 – O CONCEITO DE PAISAGEM E LUGAR E A GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

4.1 O Desenvolvimento Mental da Criança

O desenvolvimento mental da criança conforme Piaget é uma das teorias mais abrangentes, sistemáticas e completas que se tem notícia. Segundo Oliveira (1985: 05) o processo de desenvolvimento mental é reconstruído como uma sucessão de estágios.

1º Estágio: Sensório-Motor: Corresponde às atividades que a criança desenvolve desde o nascimento até o aparecimento da linguagem, isto é, de zero até por volta dos dois anos.

A criança apresenta inteligência predominantemente prática, sem representação, desenvolvendo uma coordenação sensória motor de ação, baseada na evolução da percepção e motricidade.

2º Estágio: Pré-Operatório: Corresponde às atividades que a criança desenvolve dos dois anos até cerca de sete anos de idade. Caracteriza-se pela preparação e organização das operações concretas.

Primeiramente a criança vive o espaço, entra em contato com ele, recorrendo a diversos movimentos como andar pela sala, correr no pátio; perceber as distâncias que separam dos objetos e a relação entre estes e seu corpo.

3º Estágio: Operatório-Concreto: Corresponde às atividades que a criança desenvolve dos 7 aos 11 anos de idade.

Surge no 3º estágio, o espaço percebido, quando a criança consegue conhecer o espaço sem ter que experimentá-lo, antes era preciso ensiná-la a distinguir distância e posição.

Neste estágio a criança é capaz de perceber distâncias, ao observar uma paisagem ou uma foto, e de precisar a posição dos objetos através da observação. Assim a criança chega ao domínio da Geografia propriamente dita, percebendo espaços mais amplos como o bairro, o Município, o Estado e o País.

4º Estágio: Operatório-Formal: Corresponde às atividades que a criança/adolescente desenvolve dos 11 aos 15 anos de idade. Quando a

criança já domina o espaço percebido, torna-se apta à concepção do espaço abstrato.

4.2 *Apreensão e Compreensão do Espaço Geográfico*

Segundo Castrogiovanni (2000) a evolução da forma de apreensão do espaço pela criança segue três etapas essenciais: a etapa do espaço vivido, a do espaço percebido e a do espaço concebido.

Primeiramente a criança “vive o espaço”. É o estágio do “aqui”. O espaço vivido é o espaço físico. A criança vivencia este espaço a partir do movimento, da locomoção.

Através do movimento, a criança começa a etapa da apreensão do espaço, ou seja, ele passa a ser percebido. A criança percebe o espaço sem ter que experimentá-lo biologicamente como no espaço vivido.

Começa a surgir o “distanciamento” da criança em relação ao espaço vivido. Nessa etapa ela descobre não mais só o “aqui, mas o”ali” e “lá”.

Começa a “analisar” o espaço não apenas através do movimento, mas já através da observação. Essa mudança é fundamental, principalmente para a geografia, pois introduz a criança no mundo da leitura das paisagens.

A partir do percebido, a criança está cada vez mais preparada a lidar com o espaço concebido (mais ou menos pelos doze anos de idade). O espaço concebido trata-se do espaço mais abstrato. A criança passa do conhecimento e social corporal, para o formado pelos sentidos e, então, para um conhecimento espacial, faz-se necessário que a criança tome consciência do espaço ocupado por seus corpo. A escolarização deve ajudá-la a orientar-se no espaço. A delimitação dos objetos e a posição relativa que ocupam é indispensável nos estudos espaciais. A alfabetização geográfica requer o trabalho com a esquematização espacial a partir do corpo, lidando com os intervalos através de referências não apenas obtidas pela observação, mas já com recursos do euclidianismo (lógico-matemático) (Castrogiovanni, 2000 pág 22)

4.3 A Geografia no Ensino Fundamental

A Geografia no ensino fundamental deve ter, como eixo principal, a preocupação de pensar o espaço como totalidade, analisando os acontecimentos da atualidade numa perspectiva contextualizada, porque, ao refletir sobre o espaço, o aluno reúne instrumentos de análise e de práticas sociais que colocam no debate do exercício da cidadania questões como: direito à saúde e à educação; acesso à moradia e a terra (Brasil, 1998).

A Geografia valoriza temas do cotidiano do aluno e da sociedade, dando ênfase às interações entre o processo histórico que regula a formação das sociedades humanas e a dinâmica da natureza, seu estudo com as demais áreas do currículo, propiciando ao aluno compreender a realidade e sua constante transformação.

O conteúdo da geografia, no contexto de ensino, é o material necessário para que o aluno construa o seu conhecimento, aprenda a pensar. Aprender a pensar significa elaborar, a partir do senso comum, do conhecimento produzido pela humanidade e do confronto com os outros saberes (do professor, de outros interlocutores), o seu conhecimento. Este conhecimento, partindo dos conteúdos da Geografia, significa “ uma consciência espacial” das coisas, dos fenômenos, das relações sociais que se travam no mundo (Callai, 2000. Pág 93).

No PCN'S, a Geografia fundamentam-se numa abordagem teórica e metodológica que procura contemplar os avanços que ocorrem no interior da disciplina. Destacando as contribuições das diferentes correntes teóricas do pensamento geográfico (Brasil, 1998).

Torna-se importante que os alunos possam perceber-se como atores na construção de paisagens e lugares, que possam compreender que essas paisagens e lugares resultam de múltiplas interações entre o trabalho social e o natural (Brasil, 1998).

Quando o aluno observa, descreve, indaga e representa a multiplicidade de paisagens e lugares, ele estará compreendendo o seu papel como ator coadjuvante dos processos que estão constantemente transformando essas paisagens e lugares (Brasil, 1998).

O trabalho do professor do ensino fundamental é muito complexo, pois, além de realizar a leitura do espaço geográfico, precisa fazer a leitura da realidade específica de cada aluno e daquilo que eles conhecem sobre o espaço geográfico; compreender de onde se originam seus conhecimentos e suas representações, frutos da vivência, do senso comum (Pontuschka, 1999. Pág. 131).

No ensino fundamental mais precisamente na 3ª série que as crianças têm as primeiras noções de geografia. A partir da realidade onde vivem, onde estão inseridos, os alunos compreendem as transformações que ocorrem no espaço geográfico.

É na 3ª série do ensino fundamental que é ensinada para os alunos a idéia de valores à responsabilidade e à cooperação, em relação a si próprio e à comunidade em que vivem. Nessa série elas aprendem noções sobre processos geográficos, históricos, sociais e econômicos do município que vive (Brasil, 1998).

4.4 O Conceito de Paisagem

O termo paisagem é extremamente polissêmico, e as acepções disciplinares a ele relacionadas são tão vagas quanto variadas. Para a geografia a paisagem é um conceito-chave, ou seja, um conceito capaz de fornecer unidade e identidade à geografia num contexto de afirmação da disciplina. A importância deste conceito ao longo da história do pensamento geográfico tem sido variada, sendo relegado a uma posição secundária, suplantada pela ênfase nos conceitos de região, espaço, território e lugar, considerados mais adequados às necessidades contemporâneas (Corrêa e Rosendahl, 1998, p.7).

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparados. É, numa determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. É preciso frisar bem que não se trata

somente de paisagem natural, mas da paisagem total integrando todas as implicações da ação antrópica (Bertrand, 1972 pág. 02).

Para Santos, paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza.

O conceito de paisagem é operacional, pois permite analisar o espaço geográfico sob uma dimensão, qual seja o da conjunção de elementos naturais e tecnificados, sócio-econômico e culturais.

A paisagem revela a realidade do espaço em um determinado momento do processo. O espaço é construído ao longo do tempo de vida das pessoas, considerando a forma como vivem, o tipo de relação que existe entre elas e que estabelecem com a natureza. Desta forma o lugar mostra, através da paisagem, a história da população que ali vive, os recursos naturais de que dispõe e a forma como se utiliza de tais recursos. (Callai, 2000 pág. 96)

A paisagem não se cria por acaso, mas é o resultado da vida dos homens, dos processos de produção, aliados aos movimentos da natureza (Callai, 1998. pág 69). A paisagem de um município poderá ser aprendida no seu todo, mas é necessária que seja percebida também em aspectos parciais, quer dizer: a cidade e a zona rural (Callai, 1998, pág 72).

4.5 O Conceito de Lugar

O Lugar é um conceito operacional em geografia. Consiste a partir da cartografia a expressão do espaço geográfico na escala local. A geografia considerou o lugar como único e auto-explicável.

O lugar é o espaço de atuação do aluno. O lugar que “é à base de reprodução da vida e pode ser analisada pela tríade habitante - identidade - lugar” (Carlos, 2001).

Atualmente o conceito de lugar é fundamental. Para SANTOS, é um conceito que remete a reflexão da relação com o mundo, esta relação era local-local e a gora é local-global. O lugar expressa relação de ordem objetiva em articulação com relações subjetivas, relações verticais resultado do poder hegemônico, imbricadas com a relação horizontais de coexistência e resistência.

Segundo Carlos..

“... lugar é onde se manifesta a vida, o espaço é condição, meio e produto da sociedade humana em toda a sua multiplicidade. Reproduzido ao longo de um processo histórico ininterrupto de constituição da humanidade do homem, este é também o plano da reprodução. Ao produzir sua existência, a sociedade reproduz, continuamente, o espaço... (2001 pág 11)”.

Lugar é o espaço onde vivem pessoas, elas se apropriam, modificam, tomam decisões, montam suas vidas sobre esse espaço, portanto lugar não é um termo isolado, dependendo de várias fatos para ser entendido.

4.6 Conhecendo o Lugar Onde Moramos.

Em um tempo em que se fala tanto de globalização, a questão do lugar assume contornos importantes, pois é em lugares determinados, específicos, que este processo se concretiza. E na mesma medida em que ocorre este movimento de globalização, que tende a homogeneizar todos os espaços, a diferenciação, pelo contrário, se intensifica, pois os grupos sociais, as pessoas, não reagem da mesma forma. Cada lugar vai ter marcas que lhes permitem construir a sua identidade (Callai, 2000, pág 107).

Estudar e compreender o lugar (município) têm sido importante, pois a partir da realidade concreta que á para o aluno a prática do dia-a-dia, ela não se mostra em todas as suas nuances e possibilidades. A cotidianidade embaça a capacidade de compreensão dos fenômenos que ali ocorrem. A possibilidade de compreender a lógica existente permite que se reconheça que o homem é capaz de construir o seu espaço, que é capaz de conduzir a sua história (Callai, 1998 pág 73).

O lugar, na Geografia, está sempre presente e precisa ser trabalhado, em especial hoje que se fala tanto de globalização, para que se possa dar a dimensão real do seu significado. E no, ensino, quando se trata tão insistentemente em estudar o lugar, como a concentração das relações sociais no espaço, torna-se significativo que se tenham claros os critérios para dar

conta de fazer uma análise conseqüentemente e que permita compreender o lugar a partir da escala da análise que dê o suporte adequado (Callai, 1998, pág 67).

É através da sua realidade, no caso o município, que o aluno aprenderá a situar-se no mundo e no meio em que vive, conhecendo a relação existente na sociedade, desenvolvendo a capacidade de pensar, de agir e localizar-se dentro do contexto em que está inserido. Pode-se dizer que o estudo do local – o lugar – tem sido cada vez mais considerado como importante e fundamental para que se possa compreender o processo de globalização geral que acontece no mundo. Conhecer e compreender a realidade local se constitui hoje na forma de ter as condições para o exercício da cidadania (Callai, 1998, pág 75)..

Segundo Callai (1999, p 79)

... Estudar o município tem pelo menos duas vantagens: o aluno tem condições de reconhecer-se como cidadão em uma realidade que é a da sua vida concreta, apropriando-se das informações e compreendendo como se dão as relações sociais e a construção do espaço. A outra vantagem é pedagógica, pois ao estudar algo que é vivenciado pelo aluno, são muito maiores as chances de sucesso, de se tornar um aprendiz mais conseqüente.

Ao estudar o município faz-se o estudo do processo de construção da sociedade, isto é, como os homens se relacionam entre si e de que forma estão organizados para prover a sua subsistência, seja no nível do trabalho, da saúde, da cultura, do lazer, como constroem a sua história e qual é o espaço que produzem neste processo (Callai, 1998, Pág 74).

Aceitando a idéia de que a Geografia estuda a realidade, o mundo através da leitura da paisagem, deve-se reconhecer que a paisagem é a imagem, a representação do espaço em um determinado momento. Não é o espaço em si, é a fotografia do espaço que tem em si as relações sociais e, como tal, expressa tudo o que existe por detrás dela (Callai, 1999, pág 86).

Significa uma história, um movimento que é resultado do jogo de forças dos homens entre si e destes com a natureza.

Desde os primeiros anos de vida de uma criança a percepção do espaço é desenvolvida através da sua integração com o seu meio (Callai & Zarth, 1999).

Segundo Callai (2000).. “Observando, descrevendo, comparando, estabelecendo relações, correlações, tirando conclusões, fazendo síntese” . Poderíamos estabelecer estes como parâmetros indicadores do caminho a ser seguido para dar conta de realizar a análise geográfica de determinados lugares. Observar; descrever; comparar; relação; correlação; conclusão; síntese (Pág 116).

É importante estudar o lugar concretamente, observando-o e descrevendo-o (Callai, 2000. pág 118).

A interação com o meio será mais intensa no momento em que a criança passar a fazer parte do convívio escolar no qual são abordados assuntos sobre o lugar (município), assim, irão compreender o lugar onde vivem, permitindo-os não só conhecer a história, os acontecimentos passados, as transformações do futuro de seu lugar de origem.

Para estudo do lugar devemos levar em conta o conceito de ‘Identidade’, na qual, é o conjunto de características que formam a feição de um determinado espaço (Callai, 2000). Os costumes, os valores, as tradições são elementos que, no seu conjunto, estruturam a identidade de um lugar.

O lugar possui uma multiplicidade de relações, ele distingue sem isolar, apresenta-se como a realidade, a um uso, a prática social vivida. Cada sociedade produz seu próprio espaço, determina seu ritmo de vida, sua forma de apropriação, desenvolvendo seus projetos, aspirando seus desejos.

Compreender o lugar em que vive, permite ao cidadão conhecer a sua história e conseguir entender as coisas iram acontecer no seu local de vivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia é uma ciência social dinâmica, como tal, deve dar fundamental importância ao espaço social em que o aluno vive. O trabalho geográfico deve contextualizar-se no espaço da comunidade escolar, no bairro, no estado, no país e no mundo. Dessa maneira o grande desafio que temos é, segundo Callai (1999:56), fazer a Geografia uma disciplina interessante que tenha a ver com a vida e não apenas com dados e informações que pareçam distantes da realidade.

As transformações que vêm ocorrendo no mundo contemporâneo, em consequência dos processos de globalização, afetando a sociedade mundial, o nosso país, o nosso estado, e até mesmo nossa cidade, exige-se o exame dos impactos causados em nossa sociedade, a fim de se poder perceber os desafios que elas nos apontam e os possíveis encaminhamentos ou respostas para as profundas mudanças ocorridas em várias áreas e principalmente na educação. É em um tempo como esses que nós, educadores, nos vemos moralmente obrigados, mais do que nunca, nos questionarmos frequentemente sobre nosso trabalho e nossas responsabilidades, a fim de respondê-las com propostas e ações coerentes e eficazes para o ensino. Somos moralmente desafiados a responder de forma competente as reclamações da sociedade contemporânea (alunos cada vez mais “espertos”) com decisões firmes e ousadas, comprometidas com a formação humana destes.

O ensino atual de Geografia, diante de tantas transformações do mundo, de todas as propostas de reformulação curricular e do novo papel da escola exige que se pensem alternativas. Há necessidade de repensar o ensino, de produzir alternativas metodológicas, de discutir a produção de material didático. Neste aspecto se insere a elaboração e ou a produção e a organização do material referente à realidade local.

O estudo da Geografia do município de Quaraí – RS, resultando na elaboração do material didático “Quaraí, Minha Terrinha Querida” para professores e alunos foi de encontro às necessidades de mudanças e da falta de material adequando do referido município.

Através do estudo realizado e do material elaborado, permitirá que professores e alunos constatem a organização do espaço físico, humano,

econômico e social. Com a observação do lugar de vivência, o aluno poderá perceber como é a organização de espaços mais amplos.

Espero que trabalhos como este possam ser realizados em outras cidades, também viabilizando outras metodologias para o estudo da geografia da cidade, para suprir a carência de materiais específicos sobre a geografia dos lugares” (Porto,2003).

Deve-se salientar também, que somente a utilização do material didático não é adequado, esse material deve ser utilizado como um auxílio, o professor deve ir além desta, buscando outros materiais como atividades lúdicas, o uso de maquete, mapas, reportagens, facilitando ainda mais o aprendizado do aluno.

Com tantas transformações no mundo se faz necessário propor atividades didáticas paralelas, pois há insatisfação por parte dos professores com o material que eles tem acesso nas escolas. Não devemos bani-los, mas resgatar essa visão que não é um conteúdo pronto e sim o que se quer construir a partir desses recursos existentes. O caderno de atividades, juntamente com a criatividade do professor é um exemplo do que se pode ser aplicado e desenvolvido no ensino de geografia, basta o professor ter vontade e dedicação para com seus alunos, futuros cidadãos de nossa querida cidade.

Cabem principalmente a nós educadores, educar, ensinar, dar embasamento e subsídios para que as crianças no futuro se tornem cidadãos com sua própria cultura, lembrando das palavras de Montaigne apud Morin (2000) “mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia”. Devemos “fazer a cabeça” de nossos alunos, ensinando-lhes não só a Geografia isolada, mas unindo todas as áreas do conhecimento para que os alunos possam sair preparados para o mundo que os espera.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Manuel Correia de. Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1992.

BERTRAND, G. Caderno de Ciência da Terra: Paisagem e Geografia Física Global, Esboço Metodológico. São Paulo, 1972.

BRABANT, Jean-Michel. Crise da Geografia, crise da escola. In: OLIVEIRA, Arioaldo Umberto de (Org) Pra Onde vai o ensino de Geografia? São Paulo: Contexto, 1989. p. 15-23.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALLAI, Helena Copetti & ZARTH, Paulo Afonso. O estudo do município e o ensino de história e geografia. Ijuí/RS, 1988.

CALLAI, Helena Copetti. O Lugar na Geografia e as Monografias Municipais In Org Neiva Otero Schaffer...[et al.]Ensinar e aprender. Porto Alegre: AGB, 1998.

CALLAI, Helena Copetti O Estudo do Município ou a Geografia nas series iniciais. In Catrogiovanni, A.C et al(orgs). Geografia em sala de aula: Prática e Reflexões. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o Lugar Para Compreender o Mundo. In: Catrogiovanni, A.C et al(orgs). Prática e textualização no cotidiano? Porto Alegre: Mediação, 2000. 173p.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCHFFER, Neiva Otero (orgs). Geografia em Sala de Aula: práticas e reflexões. Porto alegre: AGB Porto Alegre, 1998.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos e GOULART, Ligia Beatriz. A Questão do Livro Didático em Geografia: Elementos para uma análise In Castrogiovanni, A.C et al(orgs). Geografia em sala de aula: Prática e Reflexões. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org). Ensino de Geografia: prática e textualização no cotidiano? Porto Alegre: Mediação, 2000. 173p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. (org.). Novos caminhos da geografia. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato & ROZENDAHL, Zeny. Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROZENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

CHAUI, Marilena. Convite à filosofia. 12. ed São Paulo: Ática, 1999. 440p.

FORTES, Amyr Borges. 1959. Geografia Física do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Livraria do Globo.

GIUDICE, Aldo Pereira. 1961. Cerro do Jarau. Quaraí: datilografado (palestra).

IBGE. 1986. Folha SH. 22. Porto Alegre e parte das Folhas SH. 21 Uruguaiana e SI.22 Lagoa Mirim: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, uso potencial da terra. Rio de Janeiro. IBGE.

LAJOLO, Maria; ZILBERMAN, Regina. A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1996.

LACOSTE, Yves. A Geografia isso serve, em 1º lugar para fazer a guerra. Campinas SP: Papirus. 1988

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez 1994.

LISBOA, Nelson Amoreti; 1987. Reconhecimento Geológico da Região do Jarau, Quaraí, RS. In SIMPÓSIO SUL-BRASILEIRO DE GEOLOGIA, III, 1987, Curitiba. Atas ..., Curitiba v1: 319 – 332.

Lourenço Filho, M.B. Introdução ao Ensino da escola nova. São Paulo: Melhoramento.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Filosofia da Educação. São Paulo: Cortez, 1994.

MARQUES, J. S. Ciência geomorfológica. In: GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. (Org.). *Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MARCHIORI, José Newton Cardoso. 1995. Vegetação e Areais no Sudoeste Rio-Grandense. Santa Maria. *Ciência e Ambiente*, Santa Maria: 11: 81 - 91.

MOREIRA, Igor ; COSTA, Rogério. 1993. Espaço e Sociedade no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto.

MOREIRA, M.A. Fundamentos do Sensoriamento Remoto e metodologia de aplicação. 2ed. Viçosa: UFV, 2003.

MORENO, José Alberto. 1961. Clima do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Secretaria da Agricultura.

MORIN, Edgar. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000. (Obra A).

_____ A Cabeça Bem-Feita: repensar e reformar, reformar o pensamento? Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. (Obra B).

OLIVEIRA, João Batista. Et al. A política do livro didático. São Paulo: Summus, 1984.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib; A Geografia: Pesquisa e Ensino. In: Carlos, Ana Fani. Novos Caminhos da Geografia. São Paulo: Contexto, 1999. pág 111 – 143.

PORTO, Vanessa Almeida. Alegrete Quero Te Conhecer. Santa Maria: UFSM, 2003.

RODRIGUES, Neidson. Estado, educação e desenvolvimento econômico. São Paulo: Cortez, 1982.

RODRIGUES, Jean Carlos. Ensino de Geografia: origens e perspectivas. Londrina: Jul/Dez 2000.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da Educação no Brasil (1930/1973). Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

ROSS, Jurandir. Geomorfologia do Brasil: geomorfologia ambiental. 1992

SANTOS, Andréia Costa. Cooperativa de Educação como Alternativa de Ensino. Anais do SEPE. Centro Universitário Franciscano. Santa Maria, RS 2002.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: HUCITEC, 1988.

SARTORI, Pedro Luiz Pretz; PEREIRA FILHO, Waterloo 2001. Morfologia do Rio Grande do Sul: tipos de modelados e formas de relevo. In SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, IX., 2001, Recife. Anais ...

Recife: UFPE. CFCM. DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS. P. 149 – 150.

SCHÄFFER, Neiva Otero. O Livro Didático e o Desempenho Pedagógico: Anotações de Apoio à Escolha do Livro Texto. In Catrogiovanni, A.C et al(orgs). Geografia em sala de aula: Prática e Reflexões. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

SIMÕES, Diva. 1993. Quaraí: Terras e Águas. Quaraí: Gráfica Espírito Santo.

SOUTO, João José. Desertos, uma ameaça? Estudos dos núcleos de Desertificação na Fronteira do Sudoeste do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Secretaria de Agricultura/DRNR.

TOBIAS, José Antônio. História da Educação Brasileira. São Paulo: Juriscredi, 1981.

XAVIER, Maria Elisabete Sampaio Prado. Capitalismo e escolas no Brasil: a constituição do liberalismo em ideologia educacional e as reformas de ensino (1931/1961). Campinas SP: Papirus, 1994),

YUS, Rafael. Temas transversais: em busca de uma nova escola. Porto Alegre: Artes Médicas,1998.

WAGNER, Heitor. 1911. Município de Quaraí. Arquivos do Autor.

BIBLIOGRAFIAS E DOCUMENTOS CONSULTADOS

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, Escola e Construção de Conhecimento. **Campinas: Papyrus, 1998.**

KATUTA, Ângela Massumi. A escola e o ensino de geografia: o ser e o vir a ser. *Universitas*, São José do Rio Preto, v.7, n.1,p.31-38, 1997.

LEMES, Denise Peralta. Geografia Física do Município de Quaraí-RS: Compartimtnação Geomorfológica. *Anais do SEPE. Centro Universitário Franciscano.* Santa Maria, RS 2002.

OLIVEIRA, Adriana Sassi. As conseqüências econômicas do término das charqueadas no município de Quaraí-RS. **Monografia. UNIFRA: Santa Maria, 2002**

8ª DELEGACIA DE EDUCAÇÃO. Pressupostos teóricos que norteiam a nova proposta do ensino de geografia, extraídos da nova proposta pedagógica, *da SE.* Santa Maria, 1998.

Anexos

ANEXO 1 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO DE GEOGRAFIA DA 3ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL.

- Ø Origem da população do município;
- Ø Primeiros habitantes;
- Ø O mapa do Município;
- Ø Divisão do Município (distritos e subdistritos);
- Ø Profissões existentes no Município;
- Ø Meio de comunicação existente no Município;
- Ø Meios de transporte do Município;
- Ø Autoridades;
- Ø Vegetação do Município;
- Ø Hidrografia do Município;
- Ø Principais atividades do Município;
- Ø Postos turísticos do Município.



© 2006 FINE

PARA PROFESSORES



1. O ESTUDO DA GEOGRAFIA DO MUNICÍPIO DE QUARAÍ-RS

1.1 Evolução histórica do Município de Quaraí

O Município de Quaraí, localizado na região da campanha do Rio Grande do Sul, na área de fronteira com a cidade de Artigas – Uruguai.

Pelas seculares divergências surgidas na fixação de limites dos domínios luso e espanhol na América, a área de Quaraí só a partir de 1801 é que passou a pertencer ao Brasil. O Município surgiu com o acerto de divisão de terras entre Portugal e Espanha, tendo como limite o Rio Quaraí (Simões, 1993).

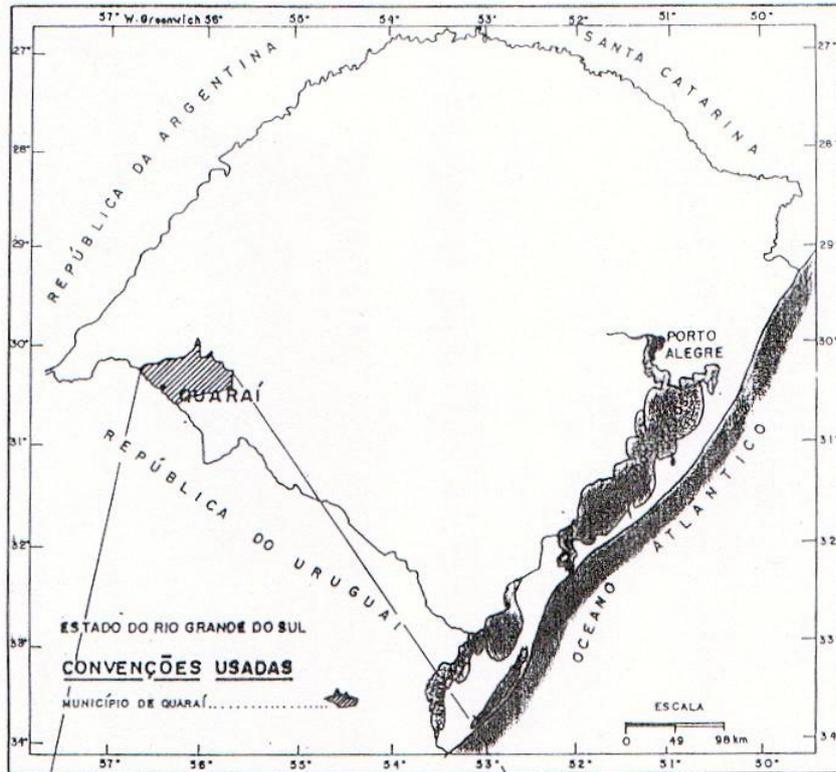
Povoaram-na indígenas criadores de gado escapado das Missões Jesuíticas.

A ocupação oficial do município ocorreu entre os anos de 1814 e 1820, através de doação de sesmarias a 42 pessoas. Em 1817, foi concedida a primeira sesmaria a José de Melo. Em 1820, João Batista Castilho estabelece uma estância e passa a denominar-se Passo do Batista o local em que ainda hoje se faz a travessia Quaraí-Artigas (Simões, 1993).

Em 1859 o povoado de São João Batista de Quaraí é elevado à freguesia. Graças à pecuária, desenvolve-se notavelmente e em 1875 é elevado à condição de vila e sede de município, desmembrado de Alegrete.

1.2 Caracterização da Área de Estudo

O Município de Quaraí está localizado na porção oeste do Rio Grande do Sul, na Microregião da Campanha Gaúcha, limitado pelas coordenadas 29°55'e 30°32' S e 55°39'e 56°40'WGr, abrangendo uma área de aproximadamente 3.270,10 Km² (FIGURA 1).



FONTE: ZILLNER, 1991

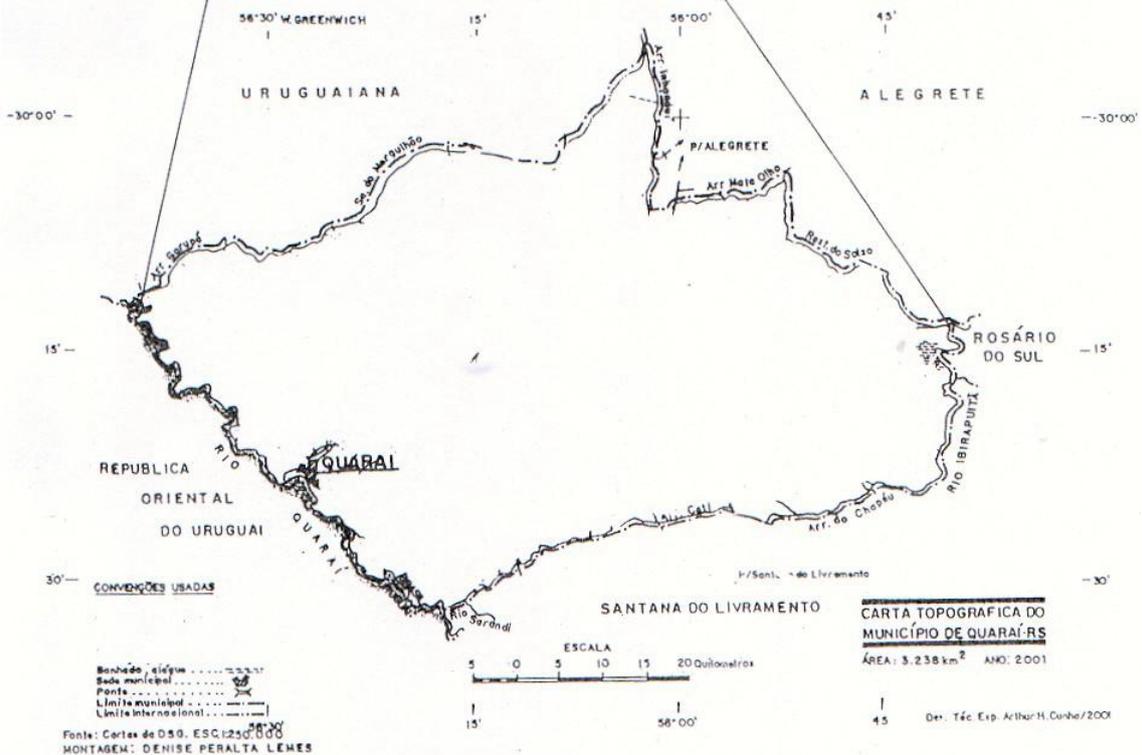


FIGURA LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE QUARAI NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Limita-se ao norte-nordeste com o Município de Alegrete (101 Km); a noroeste com o Município de Uruguaiana (69 Km); ao sul-sudeste com o Município de Santana do Livramento (97 Km); a leste com o Município de Rosário do Sul (12 Km) e a sudoeste com a República Oriental do Uruguai (95 Km). Os números referidos entre parênteses referem às distâncias das linhas limítrofes.

O Município de Quaraí divide-se em um distrito e dois subdistritos. O 1º Distrito, denominado Zona de Quaraí, possui uma área de aproximadamente 1.412,22 Km², onde se localiza a zona urbana. O 1º Subdistrito, denominado Minuano, está situado na porção norte, com uma área de 990,78 Km². O 2º Subdistrito de São Rafael, com 867,00 Km², situa-se na parte sudeste do Município (Figura 2).

1.3 Hidrografia

O Município de Quaraí é drenado por duas bacias hidrográficas: a Bacia do Rio Quaraí e a Bacia do Rio Ibirapuitã (Figura 3).

A Bacia do Rio Quaraí abrange a maior parte do Município, drenando todo o 1º Distrito, à parte centro-oeste do 2º Subdistrito e a porção sul-sudoeste do 3º Subdistrito.

O Rio Quaraí é afluente da margem esquerda do Rio Uruguai. Na Bacia do Rio Quaraí destacam-se as sub-bacias dos arroios Quaraí-Mirim, Guarupá e Quatepe, todos da margem direita do referido rio.

A Sub-bacia do Arroio Quaraí-Mirim drena o 1º Distrito e o 2º Subdistrito. O curso principal do arroio serve, em parte, como limite entre dois distritos. No decorrer do seu curso, o Arroio Quaraí-Mirim mostra um padrão retangular de drenagem. Nas proximidades de sua foz, o padrão de drenagem retorna a ser do tipo dendrítico.

A Sub-bacia do Arroio Garupá localiza-se na zona limítrofe do município. O curso deste arroio serve como limite entre os municípios de Quaraí e Uruguaiana.

Na Sub-bacia do Arroio Quatepe, o padrão de drenagem é do tipo retangular.

A coxilha de Santa Helena, com aproximadamente 19 Km de extensão, estabelece o divisor entre a Sub-bacia do Arroio Mancarrão ao norte, e a Sub-bacia da Sanga do Lajeado ao sul.

Na porção norte-noroeste do 1º Distrito, localiza-se o Cerro do Jarau. Neste local, o padrão da rede de drenagem caracteriza-se pela geometria radial dos cursos d'água. As sangas do Salso, do Nhanduvaí, do Cambaí e dos Molhos, correm com disposição radial a partir do referido cerro.

O principal divisor d'água das duas bacias corresponde à Coxilha de Japejú, com aproximadamente 24Km de extensão, a partir da qual as águas correm para oeste em direção a Bacia do Rio Quaraí, e para leste em direção a Bacia do Rio Ibirapuitã.

A Bacia do Rio Ibirapuitã drena a porção leste do Município, abrangendo a maior parte do 3º Subdistrito, e um pequeno trecho do 2º Subdistrito.

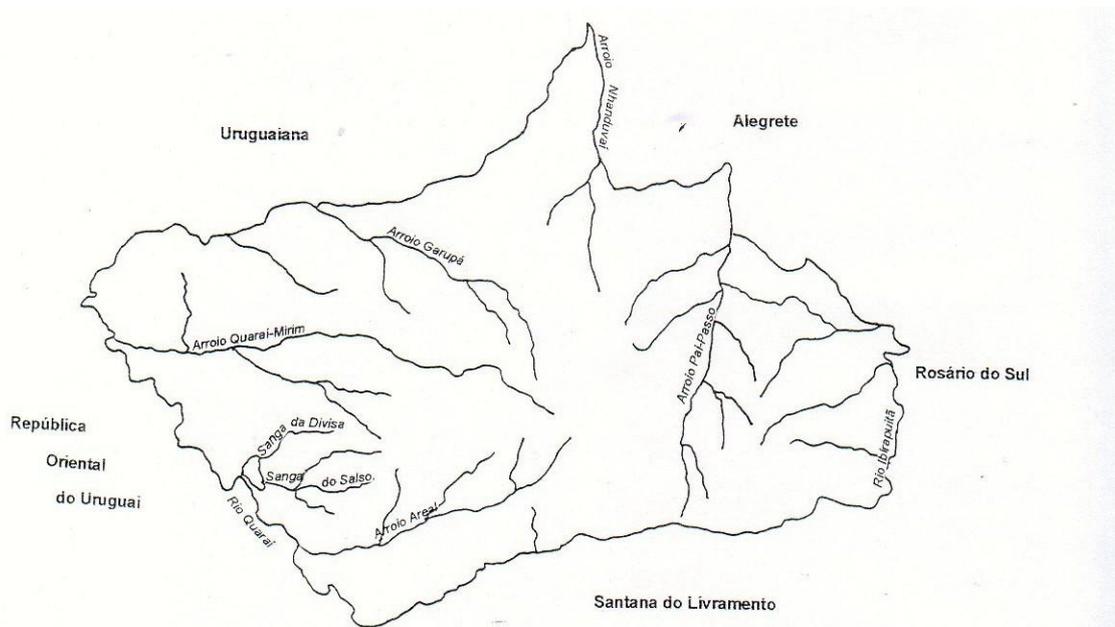


Figura 3. Hidrografia do Município de Quaraí- RS
 Fonte:

O Rio Ibirapuitã é afluente da margem esquerda do Rio Ibicuí. As principais sub-bacias deste rio no Município de Quaraí, são as dos arroios Salsinho, Pai-Passo, Lagoinha, e Sanga da Divisa, todos da sua margem esquerda. A maioria dos cursos d'água nesta bacia apresenta um padrão de drenagem retangular.

Na porção centro-norte do 3º Subdistrito, próximo dos cerros do Cardal, Grande, Tunas e Chovedor, a drenagem é caracterizada pela geometria radial.

A Sub-bacia do Arroio Pai-Passo tem como divisor natural de suas águas para leste, a Coxilha de São Rafael com aproximadamente 21Km de extensão, e para sudoeste, a Coxilha de São Manuel. A rede de drenagem da sub-bacia drena o 3º Subdistrito e o seu curso principal estabelece o limite entre o 2º e o 3º subdistritos. A rede de drenagem é do tipo retangular, devido à geometria angular dos cursos d'água.

A Sub-bacia do Arroio Camaquã tem suas nascentes próximas à Coxilha de São Rafael, o padrão de drenagem é do tipo retangular.

A Sub-bacia da Sanga da Divisa possui, no trecho do seu curso principal, uma dissecação acentuada. A geometria angular de sua rede de drenagem é bem destacada.

A geologia e o modelado do relevo permitem classificar os afluentes da margem direita do Rio Quaraí como rios conseqüentes, rio cujo percurso foi

determinado pela declividade do terreno, coincidindo com o mergulho das camadas. Formando curso retilíneo e paralelo, fluindo rumo as partes mais baixas.

1. 4. Geomorfologia

A Geomorfologia tem como principal objeto de estudo as formas de relevo, investigando os processos que deram origem a essas formas e os materiais que foram trabalhados nesses processos que implicam suas diferentes formas. O mau uso da terra pode provocar graves danos ambientais, que repercutem em prejuízos para o homem, até com perdas de vidas humanas. “Os relevos constituem os pisos sobre os quais se fixam as populações humanas, desenvolvendo suas atividades, derivando daí valores econômicos e sociais que lhes são atribuídos. Em função de suas características e dos processos que sobre eles atuam, oferecem, para as populações, tipos e níveis de benefícios ou riscos dos mais variados. Suas maiores ou menores estabilidades decorrem, ainda, de suas tendências evolutivas e das interferências que podem sofrer dos demais componentes ambientais ou da ação do homem” (Marques, 2001).

O relevo é um sistema aberto, mantendo constante troca de energia e matéria com os demais sistemas terrestres e está vinculado com a resistência litológica. Toda a troca de energia seja interna ou externa, implica em alteração no sistema, através da matéria, razão pela qual todos os elementos da morfologia tendem a se ajustar em função das modificações impostas, seja forças tectônicas, seja pelas alterações processuais (Ibge, 1986).

A análise geológica e petrográfica, de uma região, são imprescindíveis para a compreensão das formas de relevo e dos tipos de solo, os quais, juntamente com a ação do clima, influenciam na cobertura vegetal e no aproveitamento do espaço pelo homem. Se não fosse essa inter-relação de elementos, o estudo da geologia para o entendimento do espaço geográfico seria nulo (Moreira & Costa, 1993)

Através da taxonomia dos fatos geomorfológicos proposta por Ross (1992), o município de Quaraí, faz parte do Domínio Morfoestrutural da Bacia Sedimentar do Paraná.

O Domínio Morfoestrutural são os grandes conjuntos estruturais, que geram arranjos regionais de relevo, guardando relações de causa entre si. Constitui a maior divisão taxonômica. Na Região Geomorfológica do Planalto da Campanha (Figura 4), onde as Regiões Geomorfológicas são agrupamentos de unidades geomorfológicas que apresentam semelhanças resultantes da convergência de fatores de sua evolução. Caracterizam-se por uma compartimentação reconhecida regionalmente e apresentam não mais um controle causal relacionado às condições geológicas, mas estão ligadas, essencialmente, a fatores climáticos atuais ou passados. A Unidade Geomorfológica do Planalto de Uruguaiana, a unidade geomorfológica, são associações como um arranjo de formas fisionômicas semelhantes em seus tipos de modelados. Cada unidade apresenta a predominância de determinados tipos de modelados e de processos originários (Ibge, 1986).

A região do Planalto da Campanha representa a porção mais avançada para oeste e para sul do Domínio Morfoestrutural das Bacias Sedimentares. As formas de relevo dessa região geomorfológica (coxilhas) foram esculpidas em rochas efusivas básicas da Formação Serra Geral, e secundariamente, no arenito da Formação Botucatu (Ibge, 1986).

O Planalto da Campanha limita-se a norte-nordeste com o Planalto das Missões, e a leste com a Depressão Central. O contato com esta última, efetua-se através de rebordos escarpados, onde os desníveis são em torno de 200m.

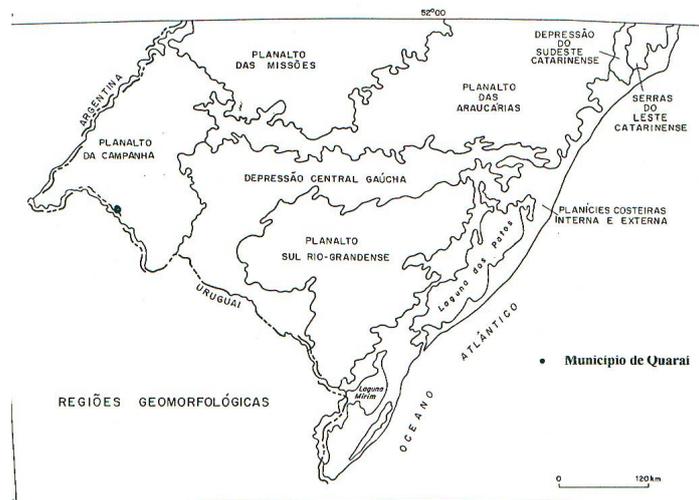


Figura 4. Localização do Município de Quaraí no Planalto da Campanha.
Fonte: IBGE, 1986.

No âmbito das unidades morfoesculturais, o Planalto de Uruguaiana caracteriza-se por apresentar uma morfologia suavemente ondulada, com caimento suave para oeste, em direção ao Rio Uruguai. Por ser uma área extensa, ela é dividida em setores: Coxilha de Santana, Dissecação do Rio Quaraí, Pontal do Quaraí, Área Degradacional Oriental, Pediplano do Médio Uruguai, Área Transicional Setentrional e Área de Acumulação Fluvial. No Município de Quaraí aparecem três desses setores: Dissecação do Rio Quaraí, Coxilha de Santana e Área Degradacional Oriental (Ibge, 1986) (Figura 5).

A Coxilha de Santana representa, na sua maior extensão, a área interfluvial dos rios Quaraí e Ibicuí e se apresenta, de modo geral, em semi-arco, correspondendo à área considerada como reverso da *Cuesta de Haedo*. No Município de Quaraí esse setor está representado pelas Coxilhas de Santa Helena, São Manuel e São Rafael (Ibge, 1986).

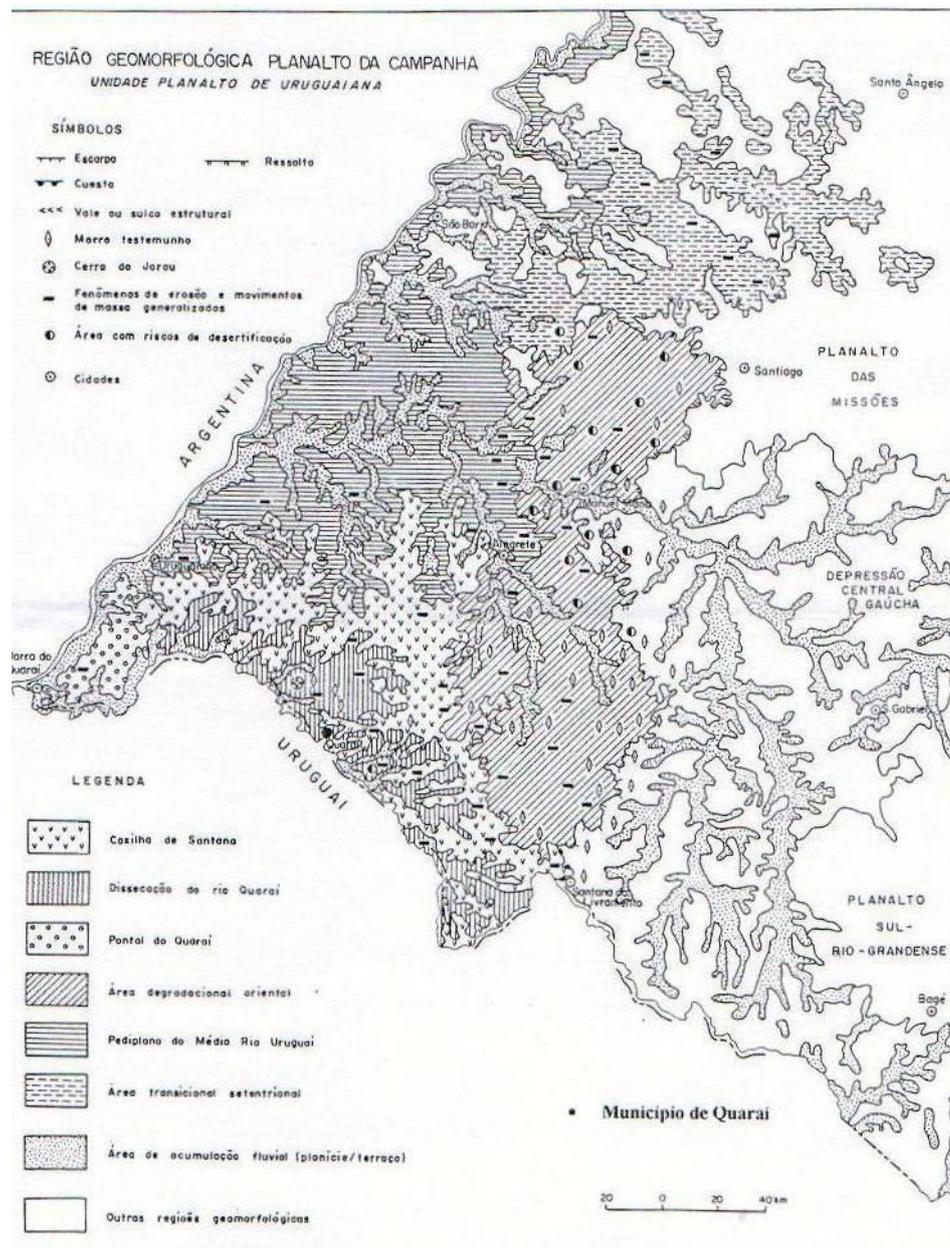


Figura 5. Setorização do Planalto de Uruguiana.
Fonte: IBGE, 1986.

A Dissecação do Rio Quaraí corresponde às porções oeste e sudoeste do Município, ao longo do Rio Quaraí. As formas de relevo são mais planas, representadas pelas planícies fluviais, onde a dissecação da área é suave (Ibge, 1986).

A Área Degradacional Oriental corresponde às áreas orientais locais mais expressivas de dissecação (Figura 6).



Figura 6. Formas de Relevo na área degradacional oriental do Município de Quaraí, RS
Fonte: Denise Peralta Lemes, 2002

O Município de Quaraí não é marcado por grandes elevações, predominando as pequenas formas arredondadas chamadas de coxilhas.

Na carta topográfica do Município de Quaraí (Folhas Topográficas do Serviço Geográfico do Exército, 1982).

O ponto mais elevado corresponde o Cerro do Jarau com 308 m, localizado na porção norte-noroeste do 1º Distrito.

Segundo Simões (1993), o Cerro do Cardal, com aproximadamente 318m, é o local de maior altitude do Município.

Geologicamente, o Município divide-se em duas regiões bem distintas: a do norte, na qual dominam em absoluto as rochas eruptivas (basalto); a do sul, onde afloram as rochas sedimentares (arenito) (Wagner, 1911).

No 1º Distrito encontram-se as áreas mais baixas do município. Próximo ao Rio Quaraí (oeste), as altitudes não ultrapassam 100 m, e o relevo é representado por planícies aluviais. Na porção norte-noroeste localiza-se o Cerro do Jarau, composto por uma serra com onze cerros dos quais o mais elevado está a 308m e o mais baixo a 280 m (Giudice, 1961), abrangendo uma área de aproximadamente 10 Km de extensão.

A região do Cerro do Jarau caracteriza-se por apresentar diferenciação morfológica em uma área restrita, indicando diversidade litológica e estrutural, que responde seletivamente aos processos erosivos (Lisboa, 1987). (Figura 7).



Figura 7. Vista frontal do Cerro do Jarau.

Na porção sul-sudeste, predominam as coxilhas destacando-se a Coxilha de Santa Helena com aproximadamente 19 Km de extensão, e alguns cerros com alturas significativas: Cerro do Salsal (244m), Cerro do Trinta (233m), Cerro dos Marcelinos (230m) e o Cerro do Chapéu (225m).

No 2º Subdistrito, as elevações predominantes são suaves e arredondadas em forma de coxilhas, onde a Coxilha de Japejú, com aproximadamente 24 Km de extensão, destaca-se como o divisor de águas das sub-bacias do Arroio Garupá e do Arroio Inhanduí.

O 3º Subdistrito é o mais destacado em elevações e, conseqüentemente, o mais dissecado. Na sua porção norte encontramos o Cerro do Cardal com 272 m, o Cerro Grande 280 m, e o Cerro da Tuna com 260 m. Na porção sudeste encontra-se a Coxilha de São Manuel com 19 Km de extensão e ao sul a Coxilha de São Rafael, com 21 Km de extensão.

1.4.1 Compartimentação Geomorfológica

O município de Quaraí enquadra-se na Região Geomorfológica do Planalto da Bacia do Paraná, situada na Unidade Morfológica da *Cuesta* da Santana (Sartori & Pereira Filho, 2001).

O mapa elaborado da compartimentação do Município mostra os tipos de modelados identificados com base nas classes de declividade que auxiliaram mapeamento das formas de relevo (Figura 8).

1.5 Vegetação

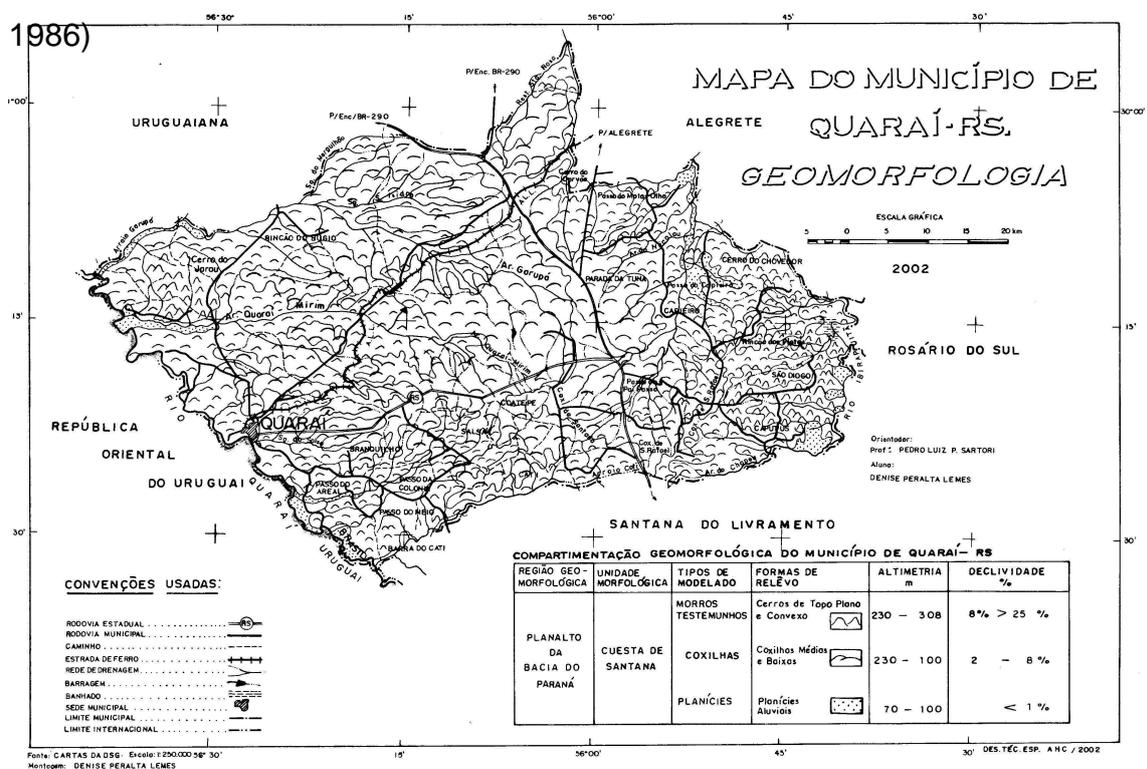
A cobertura vegetal natural do Município de Quaraí corresponde às sub-formações Estepe Gramíneo-Lenhoso com Florestas de Galeria e Savana Estépica Gramínea Lenhosa com Florestas de Galeria, correspondentes, respectivamente, às formações Estepe e Savana Estépica. (Ibge 1986).

A cobertura vegetal atual é formada por tapetes de gramíneas, geralmente baixa, denominado campos.

A presença dos campos está mais relacionada à profundidade em que se encontra o lençol d'água do que a um determinado tipo de clima ou solo. Estão também condicionados ao relevo, que geralmente é suave (SIMÕES, 1993). Ao longo dos arroios as matas ciliares ou galerias.

No município, as árvores e arbustos nativos encontram-se próximos às margens de rios e arroios destacando: Açoita-Cavalo, Araçazeiro, Aroera, Branquilha, Espinillo, Guabijú, Guajuvira, Mata-Olho, Pitangueira entre outros (Simões, 1993).

Próximo à área do Jarau, encontramos as tunas, planta que nasce em local de pedra pouca água. Na divisa com a cidade de Uruguaiana apresenta uma vegetação de formação selvática que são as Florestas de Espinillo. (Ibge, 1986)



1.6 Solos

O solo pode ser definido como um corpo natural da superfície terrestre cujas propriedades devido aos efeitos integrados do clima e dos organismos vivos (plantas e animais) sobre o material de origem, condicionado pelo relevo durante um período de tempo (Moreira, 2003 p. 37).

Do ponto de vista agrícola, o solo pode ser entendido como uma mistura de compostos minerais e orgânicos da superfície da Terra que serve de substrato para o crescimento das plantas.

O solo do município de Quaraí é constituído por uma camada de pequena profundidade. Essas terras, favoráveis ao desenvolvimento de microorganismos, são ricas de cálcio, potássio e azoto, sendo bastante férteis (Moreno, 1961).

O solo em quase toda sua totalidade, é formado por um lençol de rochas eruptivas, numa pequena parte onde estas foram gastas pela erosão, aparecendo o arenito subjacente. Daí o caráter completamente diverso das duas regiões litológicas. Uma região muito pedregosa, de terras em que predomina a argila preta, de ricos campos; e a outra de terras silicosas vermelhas, de pastos fracos. A parte que é formada pelas eruptivas faz a riqueza do município pelas suas ricas pastagens naturais, para a criação do gado; a região arenosa, com suas terras leves, serve de base a pouca agricultura que existe, nelas estalam-se as famílias pobres que precisam dedicar-se ao cultivo do solo. A formação eruptiva é de terras fertilíssimas, fortemente argilosas e que pelo seu caráter não armazena a suficiente umidade, a não ser às margens dos arroios onde a terra se tem acumulado em maior espessura. A de formação de arenito são terras profundas, argilo-silicosas, ou sílico-argilosas, vermelhas, fáceis de trabalhar, muito permeáveis, absorvem às águas pluviais e são excelentes para muitas culturas, apesar de sua pouca proporção de cal. Existem no município, os terrenos mistos, localizados nas encostas que fazem abaixo de camadas eruptivas, que coroam quase todas as elevações.

O solo do município é diversificado. Predomina o de terra preta, coberto por um capim e próprio para a criação de gado. Terra escura e mais fértil é junto ao rio Quaraí e arroios, aí se planta o arroz. Quando a terra é de

coloração avermelhada é próprio para plantar: milho, pêssego, legumes, laranjas, parreiras, roseiras e etc.

O pouco conhecimento da camada superficial da crosta terrestre e seu manejo inadequado fizeram com que solos produtivos passassem a improdutivos ou até a verdadeiros “desertos”.

O município de Quaraí sofre com o fenômeno da arenização. A falta de cuidado com que o homem utiliza o solo juntamente com a ação da natureza resulta esse processo.

O agricultor, mesmo que tenha algum conhecimento de conservação do solo, na maioria das vezes não tem condições de aplicá-lo devido à falta de infra-estrutura, pois a utilização da terra serve principalmente para a sua economia familiar, causando uma degradação ao meio natural, que só é renovável no decorrer de um longo prazo. Em algumas áreas do Município de Quaraí isso já está ocorrendo (areais), devido à falta de cuidado dos produtores quando vão utilizar suas terras.

De acordo com a idéia de Souto (1985), os desequilíbrios ecológicos são registrados com a intervenção do homem. Marchiori (1995), cita que a ação antrópica, materializada no uso tradicional da terra para a criação de gado e agricultura, tem agravado o processo erosivo em determinadas áreas, ampliando gradativamente as áreas com vegetação rasteira e os campos de areia, como ilustra as figuras 09 e 10.



Figura 09. Areas de Quaraí.
Fonte: Denise Peralta Lemes: 2002.



Figura 10. Areal de Quaraí num modelado de coxilhas.
Fonte: Denise Peralta Lemes: 2002.

1.7 Atividade Econômica

No processo de formação e desenvolvimento sócioeconômico do município contribuíram, de forma decisiva, fatores geo-políticos e econômicos. Neste sentido, destacam-se as ligações socioeconômicas com o Uruguai que sempre foram e são muito intensas. Um número significativo de fazendeiros brasileiros possuem propriedades no Uruguai, sendo que muitos fazendeiros uruguaios, especialmente do Departamento de Artigas, possuem propriedades no Brasil (Ibge, 1986).

Atualmente, segundo dados da atual administração municipal (PREF. MUNIC. DE QUARAÍ, 2001), Quaraí possui quatro setores econômicos: a pecuária, a agricultura, o comércio e a indústria.

Entre as culturas a mais expressiva é o arroz irrigado. A viticultura é um recurso iniciado há pouco tempo, e que vem crescendo devido ao bom resultado da produção, com clima e solo muito propício para produzir uvas de excelente qualidade o setor dendê a crescer ainda mais.

A atividade leiteira do município apresenta características de pouco desenvolvimento. A ovinocultura, enquanto atividade econômica, tem diminuído sua importância no município. O rebanho, que era de 549.373 cabeças, em 1975, e passou para 315.619 cabeças em 1994. A maior parte do rebanho destina-se à produção de lã (Ibge, 1990).

Registros apontam, no ano de 2001, quanto à pecuária que o rebanho ovino compreende 213.519 reses e o rebanho bovino compreende 231.062 cabeças.

A pecuária de corte se constitui numa das principais fontes de produção da riqueza econômica do Município de Quaraí. A estrutura fundiária, aliada ao processo histórico de ocupação econômica, foram fatores decisivos para o desenvolvimento dessa atividade, bem como suas características fundamentais (Ibge, 1986).

Outro recurso significativo é a exploração de pedras semi-preciosas, onde as mais comuns são a ametista e a ágata. O município é um grande produtor de pedras semi-preciosas, mas não possui ainda um infra-estrutura adequada para a comercialização e exportação desse recurso.

1.8 Meios de Transporte e Comunicação

Para chegar em Quaraí, existem vários tipos de transportes, destacando as linhas intermunicipais, que ligam a cidade a várias outras do estado.

Os ônibus que circulam no município, como a empresa Nystron, ligam a sede do município com os demais subdistritos.

As linhas internacionais, são feitas por uma empresa do município e outra do País vizinho, essa circulam entre as duas cidades Quaraí e Artigas.

Existem outros tipos de transportes como táxis, caminhões, automóveis, motos, carroças.

O município possui duas estações de Rádio, a Radico Quaraí AM, fundada em 1957 é a mais antiga. E mais recentemente temos a rádio Salamanca FM, fundada em 1992.

1.9 Pontos Turísticos

A cada ano, a atividade turística provoca a circulação de milhões de pessoas em diferentes lugares. Os fatores de motivação que propiciam tal movimento pelo mundo fora são inúmeros.

A busca crescente pelo lazer, o contato com culturas diferentes, a procura por aventura ou o encontro com um meio ambiente mais natural, distanciado do urbano estão dentre as causas mais relevantes e que forçam a criação de novos segmentos no turismo.

O município de Quaraí possui algumas opções turísticas, destaca-se o Cerro do Jarau, as Ruínas do Saladeiro, a Ponte Internacional da Concórdia entre outros.

Cerro do Jarau



Figura 11 – Cerro do Jarau Fonte:

JARAU ATUAL - No Jarau atual não há vulcões como diziam alguns. Existe somente movimento tectônico com deslocamento de pedras, porém em pequenas proporções e com pouca intensidade. Em 1911 houve um movimento tectônico com o deslocamento de uma enorme pedra de aproximadamente 800 toneladas (Giudice,1961). Como consequência desse deslocamento houve tremor de terra que se sentiu até na cidade, que fica a uma distancia de 25 Km do Cerro do Jarau (Figura 12).



Figura 12 – Vista do Cerro do Jarau Fonte:

O Jarau é uma colina com 11 cerros dos quais o mais elevado está a 310 metros do nível do mar e o menor a 280 metros.

No Jarau, existe a Sanga das Tintas, cujas águas são coloridas. Das Barrancas desprendem-se terras argilosas de várias cores: azul, amarela, rosa e branca. Esta argila é semelhante a uma grafite e tingem a água. Esta água atravessa todo o Cerro, porém só é tingida nas nascentes. No ano de 1960 o estabelecimento da residência dos proprietários do Jarau foi pintado de azul com tinta proveniente dessas terras.

Existe a Sanga dos Contos, cujas margens e leito atestam seu nome. Sobre as costas do Quaraí-Mirim encontram-se verdadeiras oficinas de

trabalho indígena (Giudice,1961). O Jarau já foi motivo de estudo por grupo de bandeirantes, cientistas, naturalistas e atualmente pela UFSM (Universidade Federal de Santa Maria).

A Furna da Gruta do Jarau cobre perfeitamente um homem a cavalo. Existe entorno dessa gruta diversas lendas de fantasmas e mistérios. Uma delas é o fato de que dentro da gruta não há vela que não se apague. Esse fato é devido á quantidade enorme de morcegos moradores na escuridão da gruta.

Ruínas do Saladeiro

As Ruínas do Saladeiro (Figura 13), o que restou de um passado de trabalho e projeção econômica do município, com o charque, que na época era a principal fonte de renda econômica do Estado, sendo que uma das duas charqueadas, a “ Novo Quaraí”, foi considerada a maior do interior do Estado, o produto era exportado para diversos países tendo ao longo do tempo ganhando lendas e histórias.

Saladeiros de Quaraí



Figura 13: Ruínas do Saladeiro Fonte:



Figura 14 . Entrada das Ruínas do Saladeiro



Figura 15. Ruínas do Saladeiro

Antiga Planchada



Figura 16. Antiga Planchada

Em 1950, numa ação conjunta do então prefeito da época, Bernardo Simões Fernandiz, o Dr. Cadocha, e do Intendente de Artigas, Dr. Sarassúa, resultou na inauguração da "Planchada".

Por muitos anos, a Planchada (Figura 16), serviu para unir os dois países, principalmente quando as chuvas não eram tão abundantes, porque ao crescer do rio a Planchada ficava submersa e a travessia só acontecia de botes.

Ponte Internacional da Concórdia

Consta no Diário do Congresso Nacional, datado de agosto de 1914, o primeiro registro sobre a futura construção de uma ponte internacional ligando Quaraí a São Eugênio.

Em julho de 1966 as autoridades reunidas em Montevideu deliberaram sobre o projeto da construção da Ponte Internacional sobre o rio Quaraí. Em setembro de 1966, o Ministro Juarez Távora visita Quaraí para confirmar a futura construção da Ponte Internacional da Concórdia.

Em 3 de abril de 1968, com a presença dos Presidentes da República do Brasil, Artur Costa e Silva, do Presidente da República do Uruguai, Jorge Pacheco Areco, do prefeito de Quaraí, Heraclides Santa Helena e do prefeito de Artigas, Atilio Fernandiz, entre outras autoridades, foi inaugurada a Ponte Internacional da Concórdia, que tem 750m de extensão em curva, 12m de largura com trânsito em duas vias e mais passeios laterais de 1,90m em cada lado.

Após 54 anos de lutas, na semana em que Quaraí festejava os seus 93 anos de emancipação, a Ponte Internacional da Concórdia veio a fortalecer ainda mais uma união já existente entre dois países (Figuras 17,18).



Figura 17. Vista aérea da Ponte Internacional da Concórdia.

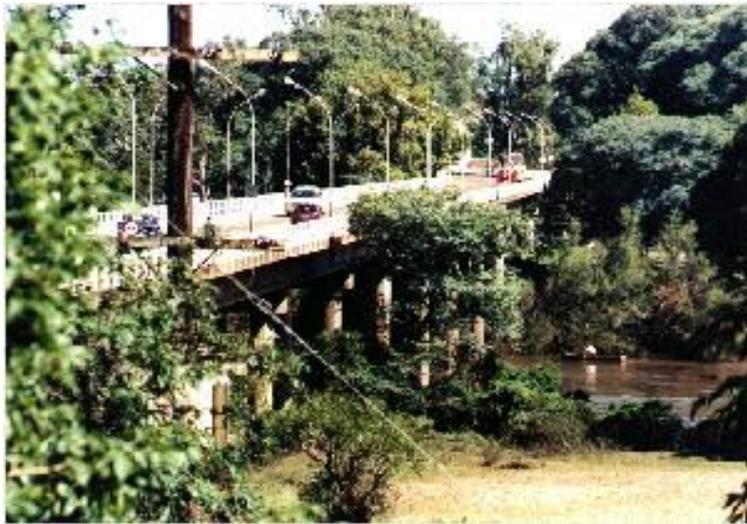


Figura 18. Ponte internacional da Concórdia
Praça General Osório

Quando Quaraí foi projetada José da Vitória Soares D'Andrea no ano de 1858, já ficou delimitada a área correspondente a atual praça, que é de 30.976 m², com denominação de Praça da Matriz (Figura 19).



Figura 19. Praça General Osório.

Durante um século a praça refletiu a política municipalista, conforme a facção dominante, hora chimangos, hora maragatos, a paisagem da praça era alterada com a destruição e construção de novos coretos.

A atração maior da praça da Matriz, na época, era o antigo Coreto. Acredita-se que quem construiu o antigo, Coreto (Figura 20).



Figura 20, Antigo Coreto na Praça General Osório.

O Coreto situava-se em um palco a 80 cm acima do solo, teria aproximadamente quatro metros de altura, todo cercado de uma grade de ferro trabalhado, sua volta era calçada de mosaicos em círculos de mais ou menos cinco metros de largura e ao seu redor havia bancos. Aos domingos e feriados, as moças passeavam na praça e a banda tocava.

Esse marcou época na política de Quaraí, no período de redemocratização iniciado em 1945 após o término da ditadura de Vargas no Estado Novo. Nesse Coreto aconteceram os comícios, por onde desfilaram figuras importantes da política nacional.

Nos preparativos do centenário de Quaraí, quando houve uma total remodelação da praça, o Coreto foi destruído na sua parte superior.

Finalmente, no Governo do Dr. Heraclides Santa Helena, 1965, a Praça General Osório foi totalmente reformada e até hoje temos, para orgulho dos quaraenses, uma das mais belas praças do Estado.

Butiazal

O Butiazal, uma área com presença de palmeiras numa extensão de 25 Km em linha reta (Figura 21). O butiá é um planta rara nesta região,

segundo as lendas, as sementes trazidas pelos índios e com o seu extermínio, os pés brotaram com vigor, para demarcar o território que antes lhes pertencia. O butiazal é um local de beleza única e desperta curiosidade de quem visita o local.

Saindo da área desértica do Areal, na direção norte, em estrada de chão, anda-se 6Km até atingir o arroio Quatepe, passando este são mais 2Km até chegar ao Butiazal.

Dá-se o nome de butiá a várias espécies de palmeiras. Nesta área constata-se a *Cocos jatahy* que é dotada de drupas comestíveis, de amêndoas oleaginosas, de folhas que se prestam a trabalhos trançados e de frutos cuja polpa fornece álcool potável pela fermentação; o butiáçu ou *Cocos* dotada de flores em espádice e frutos drupáceos alaranjados e comestíveis; e o butiá-verdadeiro ou *Cocos eriospatha* de frutos drupáceos com o qual se pode fazer bebida vinosa (Figura 22).

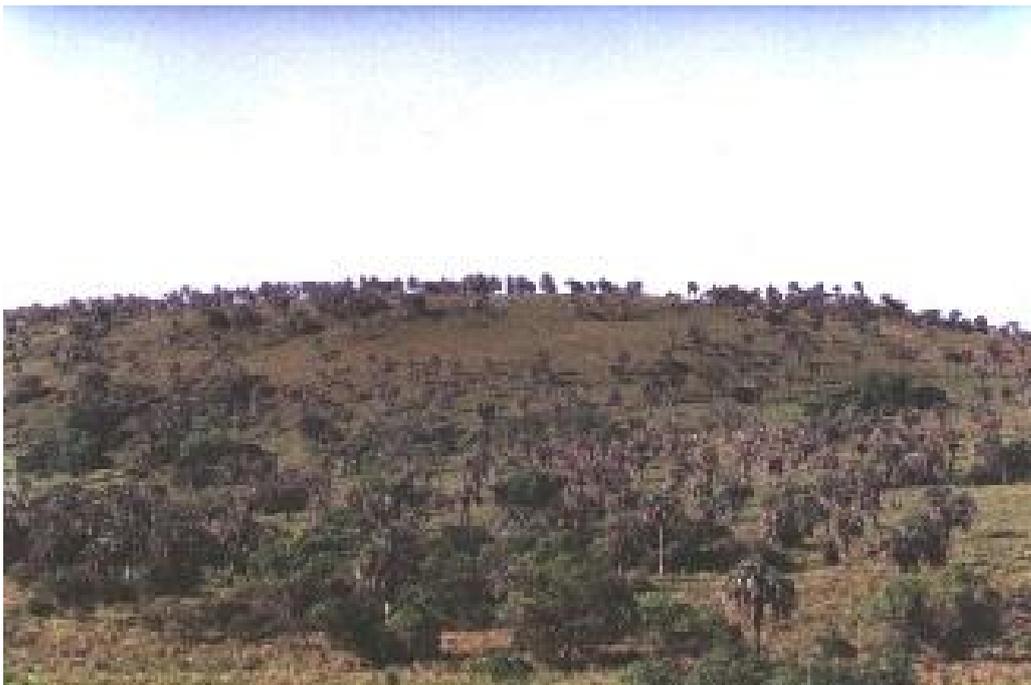


Figura 21: Vista do Butiazal



Figura 22. Butiazal

Os butiás estão esparramados pelas encostas das elevações e os mais antigos, de tronco liso, portanto com mais de 150 anos de existência, aliam-se em reta no topo das elevações, sendo perfeitamente visíveis desde o arroio Quatepe.

O butiá é planta exótica nesta região, mas aqui proliferou de forma exuberante, antes de ser esta área ocupada pela criação. No momento presente, vive-se o perigo da extinção destas palmeiras, pois as sementes e as mudas novas são comidas pelo gado ali criado.

O mistério do Butiazal consiste em saber quem e porque veio ser plantado nesta área?

Diz à lenda que "homens de preto" no caso tratava-se de jesuítas, plantavam estas palmeiras para assinalar o local. Dizem os antigos que foram os "birivas", homens que vinham da Serra trazendo erva-mate e fumo e em troca levavam daqui mulas e gado.



Quararai, Minha Terceira Querida.

PARA ALUNOS



Sumário

- Capítulo 1 ORIGEM DO MUNICÍPIO3
- Capítulo 2 DIVISÃO DO MUNICÍPIO6
- Capítulo 3 NOSSO MUNICÍPIO E OS RECURSO NATURAIS.....9
- Capítulo 4 NOSSO MUNICÍPIO E OS MEIO FÍSICO-NATURAL.....9
- Capítulo 5 ATIVIDADE ECONÔMICA.....12
- Capítulo 6 PONTOS TURÍSTICOS13
- Capítulo 7 **PERSONALIDADES HISTÓRICAS**.....15
- Capítulo 8 ORGANIZAÇÃO PÚBLICA E PREFEITOS DE NOSSO MUNICÍPIO15
- Capítulo 9 QUARAÍ, ONTEM E HOJE.....17

- Capítulo 1 ORIGEM DO MUNICÍPIO

As pessoas não podem viver sozinhas, elas procuram viver em grupo, formando comunidades, onde todos procuram trabalhar e cooperar para progresso do lugar onde vivem.

A ocupação oficial do nosso município ocorreu entre os anos de 1814 e 1820, através de doação de sesmarias a 42 pessoas. Inicialmente, a área do nosso município pertencia ao Município de Alegrete. Nossa emancipação ocorreu em 08 de abril de 1875. No dia 26 de março de 1890, Quaraí passou a categoria de cidade.

Vamos pesquisar..

Faça uma pesquisa sobre o nosso município. Visite a biblioteca pública e colha todo o tipo de informações sobre nossa terrinha. Faça entrevista com antigos moradores.. Siga o roteiro a seguir que irá lhe ajudar.

1. Qual causa da fundação do município? _____
2. Quando foi fundado? (Dia mês e ano) _____
3. Quem fundou? _____
4. Havia muitos ou poucos habitantes? _____
5. Quais eram os meios de transportes? _____
6. As ruas eram calçadas? _____
7. Havia escolas? _____

Na sua opinião, o município de Quaraí está diferente agora? Porque você acha isso? _____

As cidades mudam

A vida moderna é diferente dos tempos antigos.

Escreve abaixo de cada foto se ela pertence ao passado ou ao presente, e diga de que locais são as mesmas.



OS MEIOS DE TRANSPORTES

Para nos movimentarmos de um lugar para outro utilizamos os meios de transportes.

Os meios de transportes podem ser: terrestres, marítimos, fluviais e aéreos.

Terrestre (por terra).....

Marítimo (por mar)

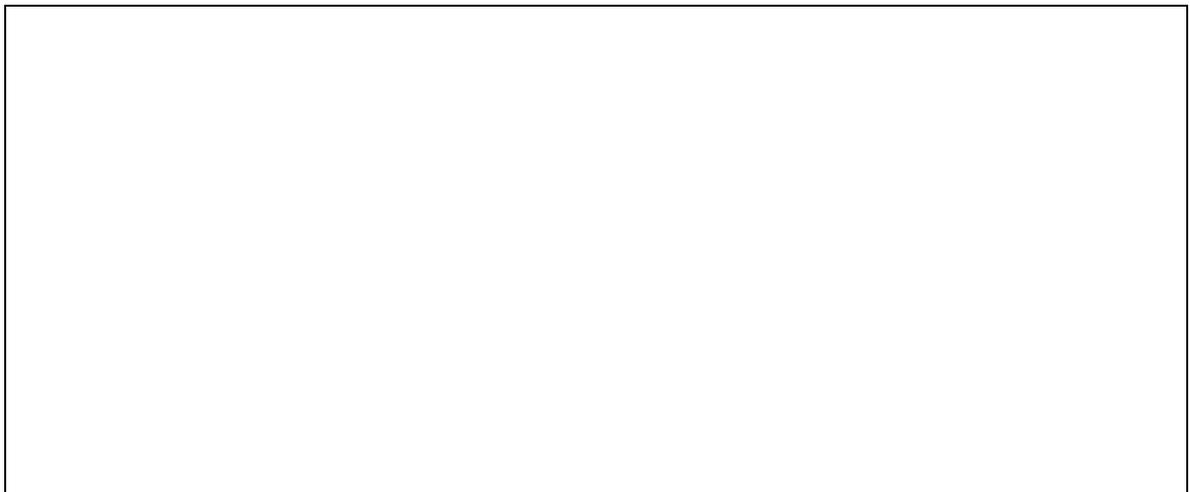
Fluviais (por rio).....

Aéreos

.....

- Você utiliza algum meio de transporte? Diga qual

- Agora faça um desenho no quadro abaixo, do meio de transporte que você acha que é mais rápido.



MEI OS DE COMUNI CAÇÃO

Os meios de comunicação são muito importantes. Com eles podemos comunicar com outras cidades rapidamente. Existem meios de comunicação falada que são os rádios e telefones e a escrita como jornais, revistas, cartas, telegramas.

Nosso município possui duas estações de Rádio, a Rádio Quaraí AM, fundada em 1957 é a mais antiga e a Rádio Salamanca FM, fundada em 1992.

Podemos contar também com dois jornais que circulam em nossa cidade: Folha de Quaraí e a Notícia.

Vamos fazer um telegrama para um de nossos colegas contando o que você gosta de fazer aqui em nossa cidade.

Vale lembrar que você deve colocar o endereço completo e o nome do coleguinha para quem vai mandar o telegrama.

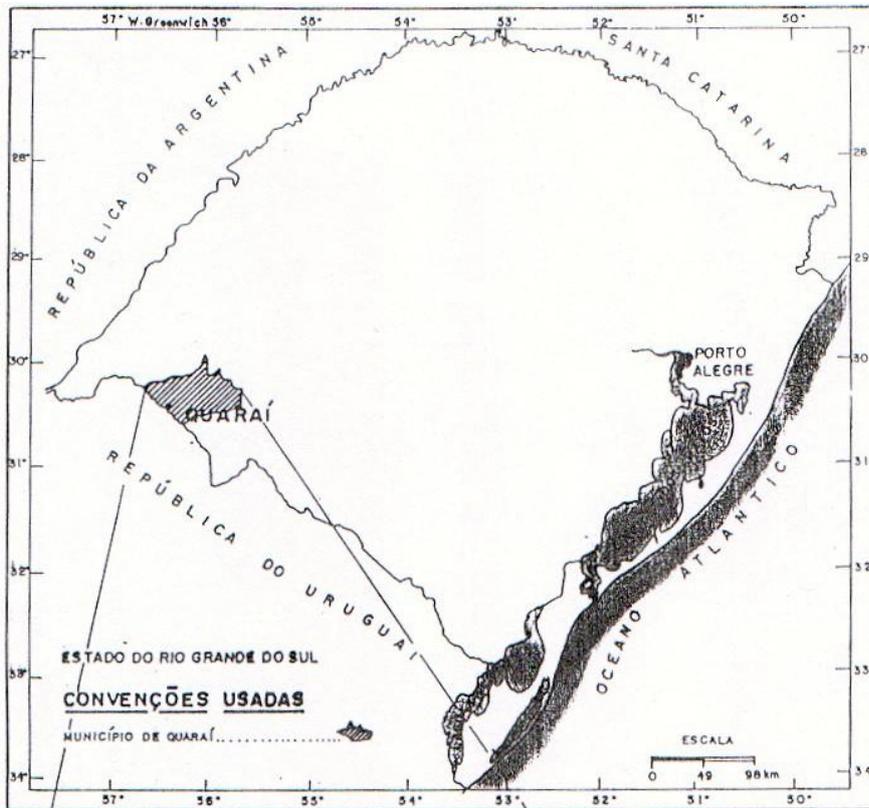
- Sugestão de Atividade (Dramatização)

Improvise, na classe, um telefone: um barbante com uma latinha em cada ponta. Converse com um colega sobre o que vocês mais gostam na cidade e programem um passeio.

- Capítulo 2 DIVI SÃO DO MUNI CÍ PI O

Vamos olhar o mapa do Brasil, país onde vivemos. Nosso país está dividido em Estados, para melhor ser governado.

Cada Estado do Brasil está dividido em Municípios. Nosso município faz parte do Estado do Rio Grande do Sul como vamos ver no mapa.



FONTE: ZILLMER, 1991

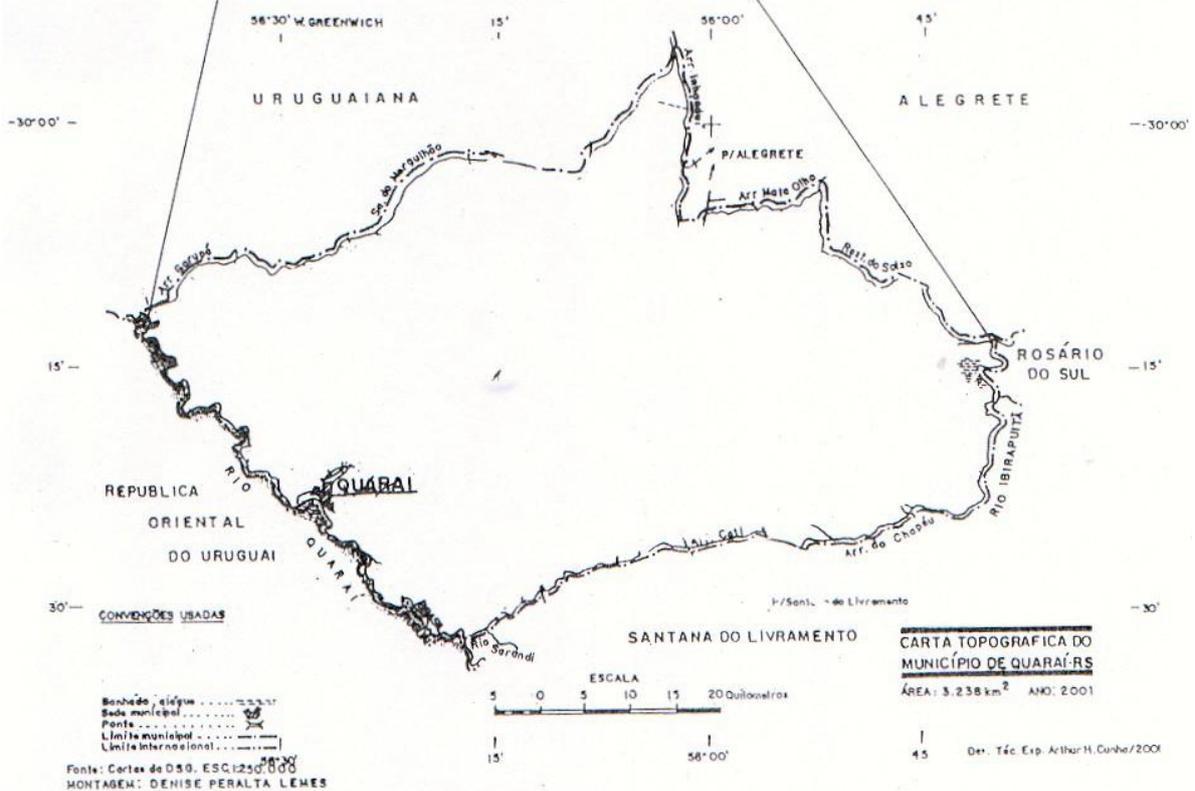


FIGURA LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE QUARAI NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

O Município de Quaraí está localizado na porção oeste do Rio Grande do Sul, na Região da Campanha Gaúcha, limitado pelas coordenadas 29°55'e 30°32' S e 55°39'e 56°40'WGr, com uma área de aproximadamente 3.270,10 Km². Limita-se com o Município de Alegrete; com o Município de Uruguaiana; com o Município de Santana do Livramento; a leste com o Município de Rosário do Sul e com a República Oriental do Uruguai.

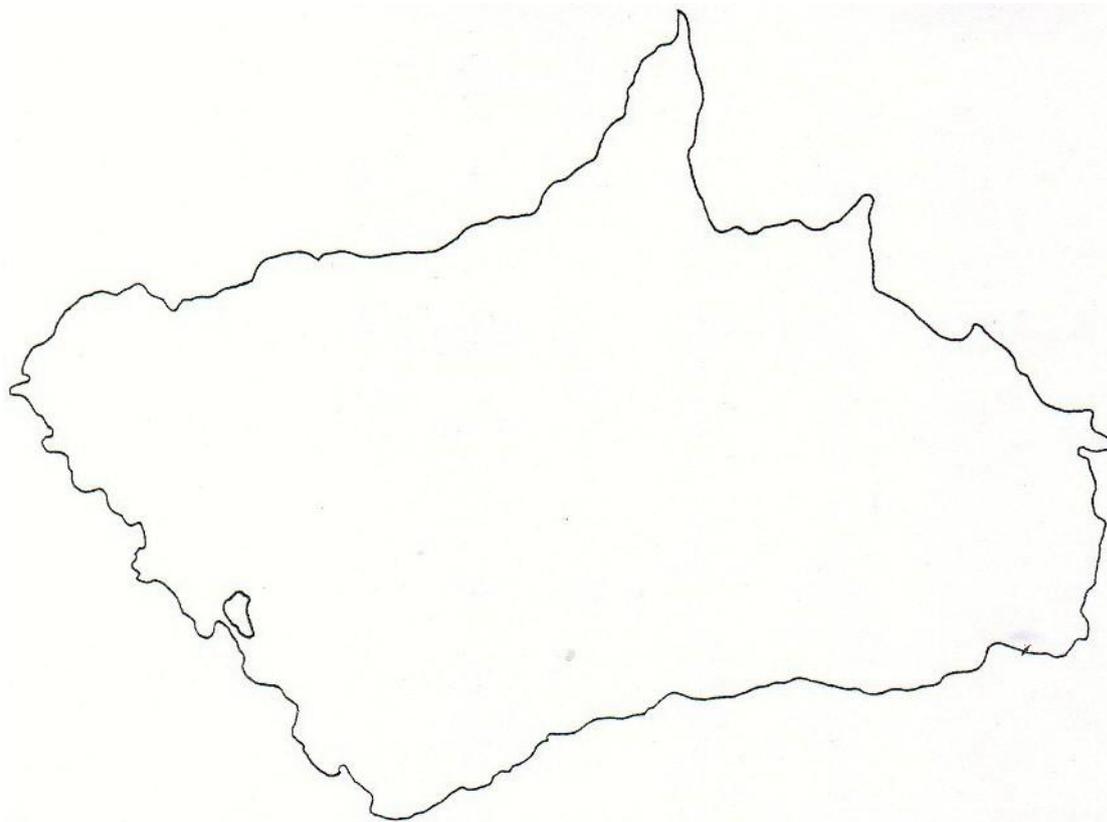
O Município de Quaraí divide-se em um distrito e dois subdistritos.

No 1° Distrito está localizada a sede do Município.

O 2° Subdistrito, denominado Minuano.

O 3° Subdistrito, denominado São Rafael.

Vamos colorir!!! Pinte de cores diferentes o distrito e os subdistritos de nosso município.



- Capítulo 3 NOSSO MUNICÍPIO E OS RECURSOS NATURAIS

Tudo que não foi criado pela mão do homem e que existe na natureza é chamado de recurso natural.

Podemos dizer que os recursos naturais são o solo, a luz, o calor do sol, o ar, a água, os ventos os vegetais, os animais e os recursos minerais.

Como moradores devemos conservar os recursos naturais:

- Evitando a poluição das águas de mares e rios;
- evitando a poluição do ar;
- evitando o desmatamento;
- evitando as queimadas;
- conservando a fauna e flora;

- Agora é com você!!!

Caça-palavras:

Procure as palavras que indiquem os recursos naturais:

VEGETAISIVAOKFGTHYKILOMDKA
SOLAOGTUSEOLMNJGTGYRYUION
OEKLOLINMLEFHTBAGUAMTFEIOI
LMKFDMINERAISMJIRDFGPLIUMM
OOHGRUMOTWSHKARUNDXEBNMA
OEOOHGRUMOTWSHKOLUNDXEBL

- Capítulo 4 NOSSO MUNICÍPIO E OS MEIO FÍSICO-NATURAL

O meio físico-natural influencia no desenvolvimento do município. O meio físico-natural é a forma como a natureza se apresenta: rios, lagos, mares, solo, relevo, vegetação, clima, etc.

Nosso município é rico em rios, seu relevo é suave, possui uma vegetação de campos, o clima é sub-tropical, o que significa que possui as 4 estações bem definidas.

O meio-físico-natural sofre modificações causadas pela ação do vento e das águas e pela ação do homem. Nosso município sofre com o processo de

arenização. Você já ouviu falar sobre esse processo? Abaixo observamos uma foto que representa esse fenômeno.



Esse processo que acontece em nosso município é agravado pela ação do homem, juntamente com a ação dos ventos. Isso ocorre devido à má utilização das terras para a criação de gado e agricultura agravando ainda mais o processo erosivo em determinadas áreas.

- Agora é com você!

Com a ajuda do seu professor vamos sugerir o poderia ser feito para melhorar a situação nessas áreas de arenização.

HI DROGRAFIA

O Município de Quaraí é banhado por duas bacias hidrográficas: a Bacia do Rio Quaraí e a Bacia do Rio Ibirapuitã.

Você sabe o que é uma Bacia Hidrográfica? Com a ajuda de seu professor veremos o que é!!

Bacia Hidrográfica é _____

O Rio Quaraí é afluente do Rio Uruguai. O Rio Ibirapuitã é afluente do Rio Ibicuí.

A Bacia do Rio Quaraí abrange a maior parte do Município.

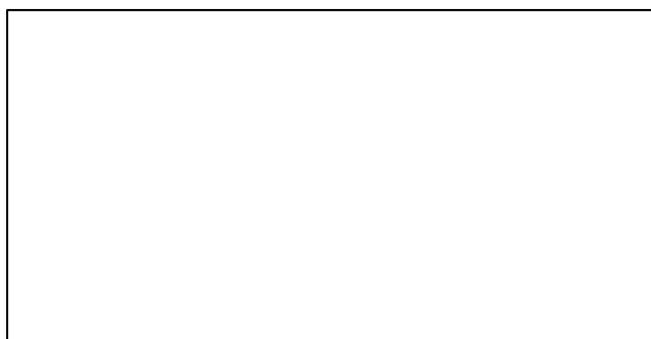
- PRÓXIMO DE SUA CASA CORRE ALGUM RIO, ARROIO OU SANGA? COMO É A ÁGUA DO MESMO?

RELEVO

O Município de Quaraí não é marcado por grandes elevações, predominando as pequenas formas arredondadas chamada de coxilhas ou colinas.

No 1º Distrito encontram-se as áreas mais baixas do município. Próximo ao Rio Quaraí (oeste), as altitudes não ultrapassam 100 m, e o lugar mais alto é o Cerro do Jarau com 308m.

LOGO ABAIXO TEMOS A FIGURA DE UMA COXILHA, FORMA DE RELEVO PREDOMINANTE AQUI EM NOSSA CIDADE. USE SUA IMAGINAÇÃO E DESENHE NO QUADRO AO LADO COMO SERIAM AS PLANÍCIES E CERROS EM NOSSO MUNICÍPIO.



VEGETAÇÃO

A vegetação atual do município é formada por gramíneas chamadas de campos. Ao longo dos arroios encontramos as matas.

No município, as árvores e arbustos nativos encontram-se próximos às margens de rios e arroios destacando: Açoita-Cavalo, Araçazeiro, Aroera, Branquilha, Espinilho, Guabijú, Guajuvira, Mata-Olho, Pitangueira entre outros.

Próximo à área do Jarau, encontramos as tunas, planta que nasce em local de pedra e sem muita água.

- Capítulo 5 ATIVIDADE ECONÔMICA

Nosso município a atividade econômica predominante é a pecuária: bovina e ovina. Também é cultivado o arroz.

A vinicultura também é outra atividade econômica do município e que vem crescendo devido ao bom resultado da produção.

- Você sabe o que é Vinicultura? Vamos fazer uma pesquisa?

Vamos pesquisar sobre outras atividades econômicas do nosso município.

- Capítulo 6 PONTOS TURÍSTICOS

O município de Quaraí possui o ponto turístico lendário, o Cerro do Jarau, que tem sua famosa lenda da Salamanca do Jarau.

As Ruínas do Saladeiro, o que restou de um passado de trabalho e projeção econômica do município, com o charque, que na época era a principal fonte de renda econômica do Estado.

O Butiazal, uma área com presença de palmeiras numa extensão de 25 Km em linha reta. O butiazal é um local de beleza única e desperta curiosidade de quem visita o local.

- Agora é com você!!

Observe com muita atenção as fotos!!

Através delas, identifique os pontos turísticos do nosso município e faça um comentário sobre cada foto.

FAÇA O SEU COMENTÁRIO!!!

FIGURA 1		
FIGURA 2		
FIGURA 3		
FIGURA 5		
FIGURA 6		
FIGURA 7		
FIGURA 8		

- Capítulo 7 PERSONALIDADES HISTÓRICAS

Nosso município possui filhos ilustres. Vamos ver o que eles fizeram para nosso município.

Dionélio Machado;
internacional

* Pianista de renome

Natho Henn;

* Professora, contista, poeta
e intelectual.

Luiz Menezes;

* Romancista, contista, Jornalista
ensaísta e poeta

Miguel Proença.

* Músico e Poeta

José Diehl;

* Uma das maiores figuras
do Magistério

Nadja Boelter.

* Sua vida foi em função da arte
Musical.

- Capítulo 8 ORGANIZAÇÃO PÚBLICA E PREFEITOS DE NOSSO MUNICÍPIO

Autoridades do Município

Em nosso município temos autoridades civis, militares e religiosas.

Autoridades Civis: É representada pelo prefeito, vice-prefeito, juízes de direito, delegados de polícia, promotor, etc.

O nosso município é governado pelo prefeito e pelo vice-prefeito. Os vereadores fazem as leis para o município e fiscalizam o prefeito, trabalham na Câmara Municipal.

Autoridades Militares: são representadas pela polícia militar, exército.

Autoridades Religiosas: São representados por Padres, Pastores, Bispos, Papas.

- Agora é com você!!

Atualmente, nossas autoridades são:

Prefeito: _____

Vice-Prefeito: _____

Vereadores:

1 _____

2 _____

3 _____

4 _____

5 _____

6 _____

7 _____

8 _____

9 _____

10 _____

11 _____

- Capítulo 9 QUARAÍ , ONTEM E HOJE.

Com a ajuda de seu professor vamos completar o quadro.

QUARAÍ ONTEM	QUARAÍ HOJE
As ruas não eram calçadas.	
Ao invés de táxi os meios de transporte eram charretes, carroças e uma linha de trem.	
As casas eram feitas de lata, madeira, barro ou palha.	
A água era trazida da fonte em pipas para ser vendida.	
Não existia a ponte, as pessoas passavam para a cidade vizinha de bote e a cavalo.	
Existia somente a rádio Quaraí localizada onde hoje é o centro cultural.	
Existiam dois saladeiros, a Nova Quaraí e o São Carlos.	
A moeda que circulava em nosso município era chamada reis.	
Havia a fábrica de pantufas, chamada “Pé Quente”.	

